

OCCIDENTE

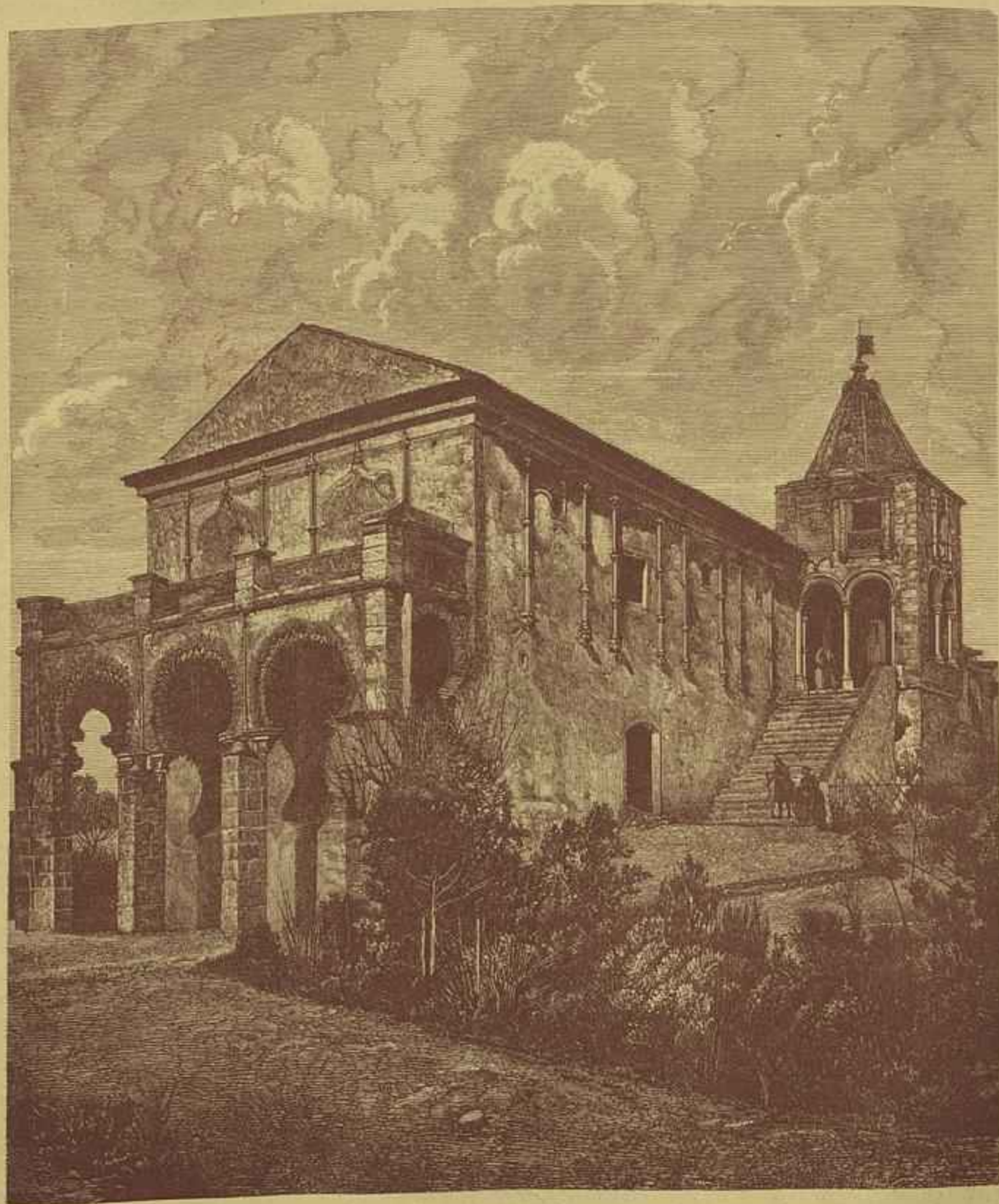
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

20.º Anno

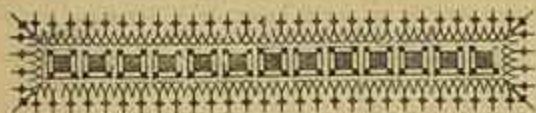
10 de Maio de 1898

XX Volume — N.º 697

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



PAÇO REAL D'EVORA,
ONDE EL-REI D. MANUEL CONTRATOU COM VASCO DA GAMA A PRIMEIRA VIAGEM A INDIA
(Vide artigo VASCO DA GAMA)



CHRONICA OCCIDENTAL



NORME foi o sentimento manifestado por todos os corações portugueses ao serem aqui recebidas as tristes notícias do encontro da esquadra americana com os poucos e mãos navios que o governo hespanhol tinha ao seu serviço nas ilhas Filipinas.

A toda a hora, ansiosamente, são esperadas novas de Havana, onde, é de crer, os hespanhoes tomarão a sua desforra.

Taes laços nos ligam á nossa velha rival, sangue e tradições, que talvez na Europa não haja povo que mais sinta a desgraça que afflige a nossa irmã, que mais se condôa com os seus lutos, mais de coração deseje vê-la de novo na paz gloriosa, que tanto merece pela sua honradez n'estes máus tempos de interesses baixos, pela sua hombridade e formoso orgulho em tempos de tanta baixeza interesseira.

Os proprios inimigos são dos primeiros a elogiar a pela valentia de seus filhos, de sobejo demonstrada no desgraçado encontro das duas esquadras.

E nós orgulhamo-nos de vê-la orgulhosa em sua tamanha desgraça, alto podendo erguer a fronte.

Entretanto em Hespanha muitos nos são ingratos á dedicação dos nossos corações. Ainda ha bem pouco tempo, produziu dolorosa impressão em Lisboa a publicação d'uma caricatura n'um jornal do paiz visinho. Portugal era ahí representado sem braços nem pernas, mendigo á beira d'uma estrada. E por baixo a legenda ironica: — *Sou neutral*.

Nem menção deveria merecer uma tão baixa grosseria. Quando Portugal foi pela Hespanha, esta muito deveu aos nossos soldados; quando lhe foi contrario, os nossos soldados souberam medir-se gloriosamente com tropas aguerridas. Além de mal criado, ignorante.

Felizmente é isso uma excepção e a Hespanha deve estar reconhecida ao que por ella temos soffrido e ao muito que fariamos, se infelizmente nós mesmos não estivéssemos lutando com as mais angustiosas difficuldades.

Tem sido muito commentado o discurso que Lord Salisbury pronunciou na Associação *Primrose Ligne* e que termina pelos seguintes ameaçadores periodos:

«Ha nações de poder immenso aos quaes os caminhos de ferro dão facilidades para rapidamente concentrar os seus exercitos, enormes e poderosos, como jámais foram sonhados pelas passadas gerações.

«Andando os tempos, a ambição d'estas nações ha de provocar sanguinolentos conflictos.

«Tambem existem nações moribundas, sem homens eminentes, sem estadistas em que o povo possa ter confiança. Cada dia mais se approxima o termo fatal de seus destinos tristes, embora com estranha tenacidade queiram segurar-se á vida. Succedem-se sem razão nem logica os maus governos, cada vez mais se corrompe sua administração.

«Quasi todas estas nações são pagãs; algumas ha, todavia, christãs tambem.

«Quem pode predizer o tempo que ha de durar este estado de coisas? O mais provavel é que as nações fracas se vão enfraquecendo, robustecendo as nações fortes.

«As nações vivas ir-se-hão apoderando dos territorios das nações moribundas e essa razão de conflictos não tardará a apparecer».

Medita Portugal n'estas palavras, que, tanto como á Hespanha, Lord Salisbury nos dirige. Parece que já a força é o direito.

Responde-lhe assim o *Imparcial* de Madrid:

«Ha nações de consciencia fallhas que empregam seus couraçados e canhões como um bandido uma arma.

«Ha nações que ainda conservam o culto da justiça e por elle sacrificam orgulhos de raça e aspirações.

«Não confiem os poderosos na fraqueza e guar-

dem-se dos desesperos d'aquelles a quem, pelo visto, querem privar do seu.

«Os grandes, os poderosos bem negro preparam fim ao seculo xix.

«Em Washington e em Londres o roubo internacional é proclamado licito!»

Será talvez uma lucta de desesperados como bem diz o articulista do *Imparcial*; mas tal não se fará sem lucta. Para ella nos precisamos preparar e, seja contra quem for, tratemos de defender os nossos direitos, seguindo o bello exemplo que a Hespanha nos tem dado, em quanto se refere, não á sua administração, que má tem sido como a nossa, não á sua imprevidencia, pois que averiguado parece estar que mal preparada estava para a guerra; mas ao seu amor patrio, tão altamente demonstrado, ao seu estranhado affecto á honra ao credito da nação.

Não nos faltam tradições gloriosas nem exemplos dignos de imitação.

Brevemente o paiz inteiro vae commemorar um dos factos mais gloriosos, o mais notavel da historia portugueza.

Se as festas não forem o que deveriam ser n'outras condições mais favoraveis, algumas partes do programma são dignas do feito heroico commemorado.

No dia 13, a empresa do theatro de D. Maria dará a sua primeira recita de gala. Representar-se-ha, pela primeira vez, o primeiro acto d'um drama historico de Cypriano Jardim, que tem por assumpto o descobrimento do caminho da India por Vasco da Gama. A scena passa-se nos paços reaes de Lisboa e são personagens principaes do acto Vasco da Gama, El-rei D. Manuel e o celebre astronomo judeu Abrahão Zacuto.

Seguir-se ha ao acto do illustre dramaturgo a recitação de alguns dos mais bellos trechos dos *Luíadas*, com scenario apropriado e na presença de todos os personagens por Luiz de Camões descriptos. João Rosa tomou conta do episodio do Velho do Restello, devendo as actrizes Carolina Falco e Rosa Damasceno recitarem as estrophes que antecedem a fala do velho. Augusto Rosa recitará os Doze de Inglaterra, tendo como scenario a nau em que Veloso fez viagem e representando o panno do fundo uma noite estrelada no Oceano Indico. Eduardo Brazão contará as furias do Adamastor, os seus amores, as ameaças que dirigiu aos portuguezes. No lugar de honra o Rei de Melinde ha de escutal-o, rodeado por todos os seus, como Luiz d Camões o descreve no final do segndo canto dos *Luíadas*. Para terminar este bellissimo espectáculo a companhia do theatro representará o *Auto Pastoril Portuguez* de Gil Vicente, uma das obras primas do genial poeta comico, e aquella que mais facilmente se pôde pôr em scena por artistas portuguezes.

Novelli estará entre nós, quando for das festas, e ao theatro D. Amelia hão de concorrer todos esses famintos d'arte que da provincia os festejos do centenário hão de chamar á capital.

É um dos nomes mais gloriosos da historia da arte theatral nos tempos modernos. Seu repertorio enorme permite-lhe manifestar-se em toda a variedade de seus recursos unicos. O marido trahido e tragico que nos magôa cruelmente com seu martyrio no assombroso final do drama *Alluia*, o amavel e espiituoso *Pomerol* da *Fernanda*, o doce e pacato *Lebonnard*, o ambicioso, avarento, decrepito *Luiz XI*, o doido *Yurick* o *Diogenes*, que tanto nos faz rir e faz chorar, são criações que parece não devem todas caber no mesmo cerebro, que nos maravilham, nos assombam.

A maior eloquencia do sentimento, pelo processo mais simples, eis a divisa do grande artista.

A gente que o acompanha forma o mais perfeito conjunto que temos visto em companhias estrangeiras. Traz artistas de primeira ordem, destacando-se no grupo fementino Olga Giannini, uma actriz de muito valor, que na *Fernanda* representou como uma primeira actriz famosa.

Vico tem representado no theatro do Principe Real, chamando a concorrência de todos os amadores da boa arte. É uma das glorias do theatro hespanhol e bem merecida é a fama que o precedeu aqui. Tem-nos dado a admirar as melhores produções castelhanas e novamente obteve exito colossal em Lisboa a representação da *Mala Roza* de Echegaray.

No theatro de D. Maria, Emilia Candida, a graciosa velhinha tão cheia de talento teve, ha dias, a sua festa artistica, representando com Taborda a velha peça *Amor Londrin*. E em meio das gargalhadas com que a saudavam, uma lagrima havia de deslizar por alguma face. Velhas glorias remoçadas, e com que justiça!

A arte é signal de vida. Tratemos da arte em Portugal e com ella principiaremos a nossa resposta aos que nos chamem moribundos.

Brevemente deve abrir a exposição do Gremio Artistico nas sallass da Academia de Bellas Artes. Entretanto, na sociedade de Geographia já se acham em exposição os quadros de Condeixa e de Salgado, sobre o assumpto posto a concurso pela commissão do centenário. Salgado obteve o premio. Seu quadro é uma obra d'arte. É honrosissimo para Condeixa o parecer do jury. Os quadros honram os seus auctores que são honra nossa.

Antonio Arroyo, querendo tornar conhecida uma das melhores produções de Teixeira Lopes, acaba de publicar uma descripção da espada de honra offerecida a Mousinho de Albuquerque pela associação commercial do Porto. É um bello estudo de arte ornamental, como Antonio Arroyo os sabe escrever e digno do artista que lh'a mereceu. Antonio Arroyo é um entusiasta, dos bons, dos crentes; mas Teixeira Lopes é um dos maiores portuguezes do nosso tempo.

João da Camara.

O retrato de Vasco da Gama



RETRATO que publicamos no presente numero vae certamente causar estranheza no publico que, em geral, só conhece Vasco da Gama por um homem velho, de longas barbas brancas, com uma especie de boeia na cabeça e a cruz de Christo ao peito.

Assim tem passado este retrato como sendo o do grande navegador, e como tal se conserva no Museu de Bellas Artes de Lisboa o quadrinho que tem servido de original a quantos retratos de Vasco da Gama se tem reproduzido, n'estes ultimos cincoenta annos, em publicações portuguezas e até estrangeiras, e agora o vemos estampado em lenços de algodão, baratos que se permitem pela exiguidade do preço transformarem o heroe da historia portugueza n'um gorilha ou um chimpanzé de feio e irrisorio aspecto.

O retrato que se guarda no Museu de Bellas Artes, não é, comtudo um documento authentico e indiscutivel, de que se conheça sua verdadeira origem. Antes pelo contrario.

Nada se sabe de positivo a respeito d'este retrato: são tudo supposições, principiando pelo suco do quadro, pois se attribue a Christovão d'Utrecht, pintor hollandez que esteve em Portugal por meados do seculo xvi e onde morreu, tendo produzido algumas obras de pintura apreciaveis.

Attribuir não é affirmar que Utrecht é effectivamente o auctor, mas suppor que o seja, pela maneira ou estylo da pintura semelhante a outras do seu pinçel, no que concordamos se se attende a que o retrato em questão tem um certo caracter hollandez.

Mas d'onde veio este retrato?

A procedencia mais remota que se conhece é de que elle pertenceu ao conde de Farrobo e que, adquerido por el-rei D. Fernando, este o deu, em 1866 á Academia de Bellas Artes de Lisboa, d'onde passou para o museu, quando este se organisou em 1882.

É tudo quanto se sabe a respeito d'este retrato, o que nos parece pouco para se aceitar sem discussão, se discussão se pôde tentar sobre tão duvidoso documento.

A falta, sem duvida, de outro retrato é que deu a este mais lóros de authenticidade, mas essa falta já hoje não existe, pois appareceu outro e este com melhor fundamento, por vir da familia do grande navegador.

Foi o sr. conde da Vidigueira que deu conhecimento d'elle e o offereceu a El-rei D. Carlos.

É, pois, um retrato de familia, que terá mais authenticidade que outro qualquer, ainda que seguramente não foi pintado em vida de Vasco da Gama, e muito menos por artista de nome, o que facilmente se reconhece uma e outra coisa, pelo anachronismo do traje, a principiar na cruz de Christo pendurada sobre o peito com uma fita, quando n'aquelles tempos se usava em medalha

com collar (!) e acabando na pintura muito incorrecta, que poucos creditos pode dar á semelhança do retrato.

Comtudo tem ares de familia e as linhas geraes do retrato dão um typo mais portuguez, que o velho de barbas brancas, mostrando um homem de 40 annos pouco mais ou menos, idade em que Vasco da Gama iniciou a sua ousada empreza.

Tendo pois dois retratos por onde escolher, demos preferencia ao ultimo, quando mais não fosse que pela novidade, e foi sobre este que reconstruimos o retrato que apresentamos aos leitores, seguindo quanto possível o original, mas corrigindo os defeitos do desenho assim como o traje, para o qual aproveitámos antes o que se vê no retrato de Vasco da Gama, pertencente á collecção dos retratos dos Vice-Reis da India, que está no palacio do governo de Goa, e que Pedro Barreto de Rezende reproduziu no seu livro, hoje pertencente á Bibliotheca de Paris, d'onde a sr.^a Carolina Garia dos Santos extrahiu uma copia fidelissima, que se encontra na Bibliotheca Publica de Lisboa.

Está o fundamento do retrato que hoje publicamos, sem pretensões de que elle seja a ultima palavra, mas sómente para ficarmos bem com a nossa consciencia, procurando investigar o que sobre o assumpto havia, para não accetar-mos sem criterio, erros porventura passados em julgado.

VASCO DA GAMA



OMES ha que a historia dos povos regista com orgulho nos seus annaes, perante os quaes os seculos se inclinam reverentes e admirados.

Cabe felizmente a Portugal um grande quinhão na partilha d'esses nomes, cuja grandeza dimana dos valiosos serviços prestados á humanidade.

O infante D. Henrique, Gonçalo Velho, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, para não citar se não os capitaes, formam um grupo magestoso, cuja heróicidade, audacia e abnegação lhes agiganta a estatura, acima ainda da de muitos heroes celebrados na historia antiga.

D. Henrique concentrando na sua mão poderosa e intelligente a direcção superior dos esforços e energias aventureiras dos seus conterraneos; Gonçalo Velho demonstrando a puerilidade dos terrores d'um mar tenebroso, pelos seus descobrimentos ao Occidente do velho mundo; Bartholomeu Dias assinalando o extremo austral da Africa e iniciando o caminho do Oriente; Vasco da Gama levando os portuguezes á India, estabelecendo as relações entre o Occidente e o Oriente, objectivo dos povos da Europa desde Alexandre; Fernão de Magalhães circumdando o globo, devassando mares e regiões inhospitas e desconhecidas, atravez de todos os perigos e contrariedades dos homens e dos elementos, são benemeritos da civilização.

Se a fortuna não respeitou a destemidez de Dias e Magalhães, e lhes deu tragico e lamentavel fim, poupou ao menos os outros, deixando-os levar a cabo a sua sublime e providencial missão.

Nem sempre a patria tem sido justa com os seus grandes homens, o espirito moderno, porém, creando uma nova religião, limpa, é certo, dos erros e maculas dos cultos antigos, colloca nos altares da patria o vulto d'esses sublimes semideuses, cercando-os do respeito e homenagens das gerações que vão passando.

Ha dezoito annos o mundo todo applaudiu jubilo a glorificação do cantor do Gama; hoje, pelo mesmo modo, se manifesta exuberante de entusiasmo perante a grandeza do cantado. E' que a justiça da humanidade, ainda que tardia, sempre chega, e o homem, quanto mais distante está da sua epoca, mais extraordinario parece.

Como se criou e formou esse vulto energico, perante quem a humanidade se inclina hoje res-

peitosa e reconhecida? não é facil dizel-o. Os nossos antepassados, mais homens de acção que de gabinete, poucas e escassas memorias nos deixaram dos seus principios e feitos. Os monacaes, mais repousados e principaes depositarios da arte de escrever, entretiveram-se demasiado em compilar contos e historias de religiosos e de milagres inauthenticos e deixaram, quasi sempre, na sombra a vida e accões dos seus conterraneos illustres. Quem hoje quer reconstruir a vida d'esses gigantes da patria, precisa revestir-se de uma couraça de tenacidade e abnegação, para arrancar fibra por fibra dos innumeraveis codices conservados e, ainda mal, assaz desconexos, nas estantes dos archivos, os trechos memorativos que lhe sirvam de fio n'esse labyrintho de obscuridade.

Felizmente outros pesquisadores a par e passo tem ajuntado algumas pedras para a reconstrução do edificio. Vamos pois aproveitando, além do nosso peculio, o que encontrarmos de util nos alheios.

De Vasco da Gama, que havia de encher o mundo com seu nome, apenas podemos conjecturar, fundado na opinião, aliás plausivel, da maioria dos escriptores, que nasceu na, outr'ora, villa de Sines, assentada á borda do Oceano Atlantico em uma pequena, e algum tanto bulicosa, enseada, d'onde parece provir-lhe o nome, transformado o *Sinus* latim em *Sines*.

Pertencia a maritima villa á Ordem da cavallaria de Sanct'Iago, uma das mais pujantes no nosso paiz, depois da sua separação da de Castella, com a qual de principio formava um só corpo.

Era pequena, de pouco mais de cento e noventa fogos; tinha seu Castello e casas n'elle para residencia do Alcaide-mór, ao que parece.

Tem a igreja parochial, então de tres naves, que umas vezes foi encurtada segundo se vê das diferentes visitações, até que depois de varias reformas ficou constituída de uma só nave. O seu Orago é o Santo Salvador.

No termo da villa havia algumas capellas, das quaes a mais antiga e mais notavel, que ainda hoje existe, é a de *Nossa Senhora de Sallas*, ou das Sallas.

Segundo a falta de respeito que no nosso paiz sempre se votou ás edificações e outros monumentos antigos, sobre os quaes reis, ecclesiasticos, fidalgos, povo, architectos, mestres de obras, etc. exerceram durante seculos a sua acção vandálica e destruidora, tambem a singela ermida soffreu ataques profundos na sua estructura e dimensões.

A capella foi fundação de D. Vetaça, que os nossos escrevem *Bataça Lascara*. Era esta princeza, neta do imperador João Ducas Vetace, cujos filhos, pela usurpação de Miguel Paleologo, perderam o throno do Imperio do Oriente. Emquanto este inutilisava o filho de João Ducas segundo o barbaro costume da epoca, mandando arrancar-lhe os olhos, a irmã, a princeza Irene, era salva do cataclismo da sua familia, por alguns amigos devotados, que a conduziram a Genova, á protecção de cuja republica se acolheu. Casando ali com Guilherme, conde de Vintemiglia, teve a D. Vetaça. Passado tempo, ou porque o Conde houvesse fallecido, ou por outra qualquer circumstancia, tendo tido novos receios de perseguição, deixaram as duas princezas Genova, e vieram para mais longe, acolher-se ao favor dos reis do Aragão.

Recebidas e favorecidas, como era devido á sua prosapia e qualidades, breve entraram na intimidade da familia real. D. Vetaça creança ainda, foi creada juntamente com a infanta D. Izabel, a quem acompanhou a Portugal quando veio ligar-se, sobre o throno d'este reino, a el-rei D. Diniz. A tradição diz que a princeza vindo para Portugal, acossada por uma tempestade, desembarcou em Sines, onde em cumprimento de um voto fundou a Capella. Temos duvida sobre esta circumstancia. Effectivamente D. Izabel esteve para partir por mar, porém o rei seu pae muito avisadamente mudou o plano da viagem e dirigiu-a por terra. Não é muito de presumir que a joven rainha viesse pela via terrestre, e deixasse a sua amiga e companheira partir por mar. Isto passava-se em 1282. Verdade é que D. Vetaça foi uma ou mais vezes a Castella e Aragão em missão diplomatica e poderia ser que então se desse aquelle successo; o que não admitte duvida, porque assenta sobre documentos irrefragaveis, e o seguinte:

Em 2 de novembro da era de 1326 ou A. Ch. 1288, o Mestre da Ordem de Sanct'Iago D. Pedro Dias dava em Leon, por escambo, a D. Vetaça e a seu marido Martim Yanes os herdamentos que haviam sido dos filhos e filhas de D. Thereza Gil, filha que foi de D. Gil Vasques; e que vinte e tres annos depois a 2. de novembro da era de 1349,

A. Chr. 1311, o mestre D. Diogo Moniz, no Cabido celebrado em Merida, fez doação á mesma, naturalmente já viuva, da villa e Castello Sanct'Iago de Cacem, pelo lugar de Villar e por vinte mil maravediz que d'ella recebeu para a guerra com os mouros. Ainda trez annos depois, a 25 de maio da era de 1352, A. Chr. 1314, lhe fez mais doação de Panoias pela terra de Vilalar, comtanto que as deixasse á Ordem em seu testamento. D. Vetaça falleceu nos fins de 1337, principios de 1338, por isso que 3.^a feira 10 de fevereiro da era de 1376, A. Chr. 1338, o seu testamenteiro Rui Paes, apresentava em Santa Maria de Alcacer o testamento e as referidas Cartas, fazendo por conseguinte com ellas entrega á Ordem das referidas possessões.

Como Sines era então do termo de Sanct'Iago de Cacem, o mais natural é que a princeza quizesse assignalar alguma sua visita ao pequeno lugar, fundando a capella.

O nome de *Nossa Senhora das Sallas*, vem provavelmente de alguma imagem com que na povoação d'aquelle nome, muito celebre nos romances dos sete infantes de Lara, (!) por onde a princeza passaria em alguma das suas viagens, fosse presentada. *Nossa Senhora das Sallas*, se diz e chama em todos os documentos particulares e officiaes que se conhecem desde então até hoje, e não sabemos quem foi o desgraçado que ideou uma transformação de *Sallas* para *Sayas*, que nem chega a prestar culto a alguma vaidade, mas é apenas um elemento para a desorientação historica. D. Vetaça nunca sonhou com as salvas que havia de algum dia mandar dar o fumoso almirante, limitou-se a offerecer um symbolo á invocação dos pobres pescadores.

Para terminarmos com D. Vetaça, diremos ainda que a sua amizade com a rainha foi tão certa e profunda, que esta a nomeou por um dos seus testamenteiros. D. Vetaça parece ter fallecido em Coimbra, onde jaz na Sé Velha, em sepultura propria.

Em Sines cremos que ha pouco tempo, pouca ou nenhuma lembrança havia tambem de D. Vetaça.

Apesar, porém do que dizemos e consta dos livros da Ordem de Sanct'Iago, é certo que, na face da capella, acham-se implantadas duas lapides, uma tem as armas dos condes da Vidigueira, outra a seguinte inscripção: *Esta casa de nosa Sra das Salas mandou fazer o mto manyfico Sor do vosco da gama côde da vidig.ro almyrãte vyse rey das yndias.*

foy scã no ano do noso Sro jhu xpõ de MDXXIX.

Os herdeiros do grande homem commetteram este attentado entre 1533 e 1554, porque na Visitação d'este primeiro anno, ainda não havia tal inscripção na capella, sendo por tanto ella falsa, pois em 1529 já Vasco da Gama era fallecido, e se se fizeram grandes reparações por disposição testamentaria, a expressão devia ser outra.

É certo que o mestre de Sanct'Iago D. Jorge mandou tirar a inscripção, por ser falsa, mas apesar de ter-se repetido essa ordem varias vezes posteriormente, nunca se cumpriu.

O erro ficou e permanece.

O pae de Vasco da Gama, Estevão da Gama de uma estirpe de nobreza de segunda ordem, pelos seus serviços ao paiz e ao rei foi elevado a fidalgo da casa real, cavalleiro e Commendador d'aquella Ordem, tendo tido a alcaidaria mor de Sines e depois a de Sanct'Iago de Cacem (?) etc.

Casou com Izabel Sodré, filha de João de Rezende, provedor das vallas e lezirias do Ribatejo e de sua mulher Maria Sodré, filha de Fradique Sodré, de origem de uma familia genoveza, ao que parece.

Mostra-se actualmente em Sines uma casa, onde se diz haver nascido o grande homem. Esta e outras tradições, sem fundamentos serios que as authenticuem, cremo-las, em muitos casos, forjadas muito modernamente, isto é, n'estes ultimos cento e cincoenta annos, por alguns eruditos, que julgaram supprir assim com falsos pontos de

(!) Por exemplo: *Las boias se hacen en Burgos Las lavandadas en Salas...*

Los infantes con Leonora Para Salas se volen...

Dijeron: — Brava, infantes, A Salas, la nuestra villa...

Visitando a m Almirante Estã dos Duques de Lara, Que bien paredo con los reys Casar al señor de Salas...

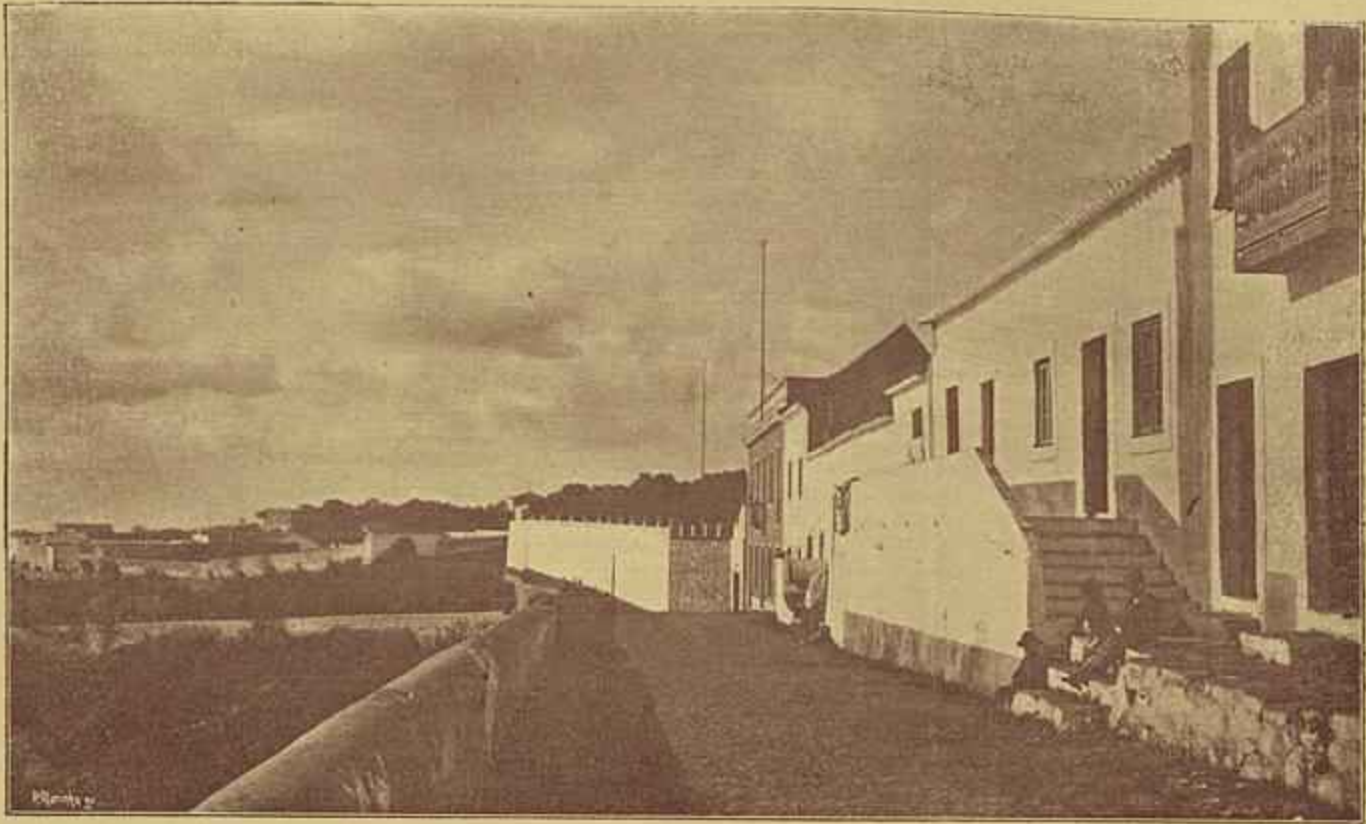
Mas vale mi rebellem Que contra de las de Salas...

e em outros lugares

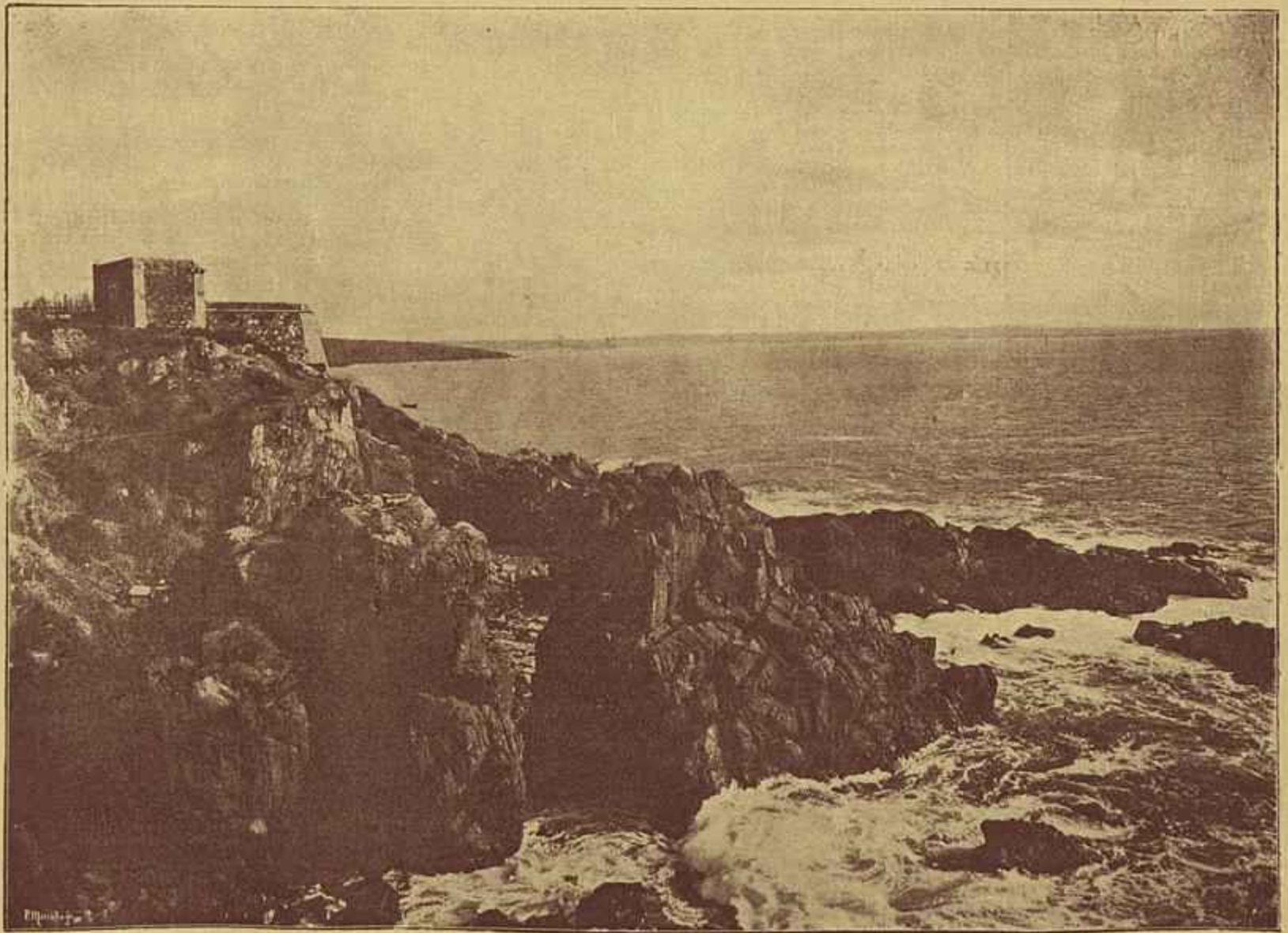
(*) Vejam os documentos que temos publicado e vamos publicando na *Revista de Educaçã e Ensino*.

(!) Na descripção que Alberto Cantino faz da investidura do cargo de Almirante que se realisou na igreja maior ou Sé de Lisboa, diz que Vasco da Gama tinha um collar ao pescoço.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



SINES — LOCAL ONDE, SEGUNDO A TRADIÇÃO, EXISTIU A CASA EM QUE NASCEU VASCO DA GAMA



SINES — A FORTALEZA

(Cópia de photographias do sr. H. Vilhena)

(Vide artigo VASCO DA GAMA)

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



SINES — EGREJA DE NOSSA SENHORA DAS SALLAS

vista, a inaniidade de memorias que encontravam. Não discutiremos, nem impugnaremos o ponto; porque somos partidario e entusiasta das tradições, mas conservadas de tempos immemoriaes.

Demonstremos, porém, a nossa asserção. Em 1758 respondia o prior de Sines, Alexandre Bernardo Mimoso, larga e muito correctamente ao questionario que por ordem superior fora dirigido a todos os parochos do reino, para a formação do *Diccionario Geographico* do P.^o Luiz Cardoso, por haver sido destruido, por occasião do terremoto de 1755, todo o material reunido poucos annos antes para aquelle effeito.

Uma das perguntas era: se a terra tinha produzido algum individuo insigne com especialidade em armas, letras ou virtudes, ao que o esclarecido parochos respondeu o seguinte: *Não ha noticia que nesta terra florescessem ou della sahisse sujeitos com especialidade insignes em armas, letras ou virtudes. Só dizem alguns escriptores antigos que nesta villa padecera martyrio Sancta Celerina, imperando Dominicano; outros a fazem tambem natural da mesma terra.* (*)

E mais nada. O que prova que se no seculo xv ou xvi, alguém sabia em Sines que Vasco da Gama havia alli nascido, esse facto tornara-se completamente desconhecido durante mais de tres seculos na localidade, até que Francisco Luiz Lopes, em 1850, lho recordou em o seu opusculo, hoje difficil de encontrar, *Breve noticia de Sines, patria de Vasco da Gama.*

(*) Pela mesma maneira se manifesta Estevão de Liz Velho no seu *Exemplar da constancia dos Martyres em a vida do glorioso S. Torpes*, etc impresso em 1746, tendo este auctor sido alguns annos um cargo militar na praça de Sines de que colligiu algumas noticias n'esta obra.

A verdade, porém, é que deste esquecimento e destas duvidas são o proprio heroe e seus filhos os principaes culpados, porque, se haviam de legar nos a relação e memorias dos seus actos e vida, como a deixaram Christovão Colombo e seu

filho, o primeiro nada deixou e os segundos o que nos disseram é errado. Se o houvessem feito, escusavam-nos muito trabalho, muito exame, e muita solução hypothetica e não cabal.

Embalado ao som do bramir do mar, vindo na sua infancia e juventude as vagas ora galgarem e cobrirem as praias, ora retirarem-se, como que abandonando-as para irem embater e avultar em outras, ouvindo os contos e relações dos marinheiros seus conterraneos, que vinham repletos de alegria e de commoções, depôr a sua offerta de reconhecimento e satisfação ou no altar da veneranda imagem da *Senhora das Sallas*, ou no da egreja do Salvador, cedo se lhe devia despertar a vocação pelo mar e o desejo das aventuras.

Deve ter recebido a educação que por aquelle tempo recebiam os outros mancebos da sua classe, embora o seu nome não figure entre os frequentadores dos serões do paço, de que o bom Garcia de Resende tantas memorias nos conservou no seu precioso *Cancioneiro*. Havendo nascido por 1550, tinha pouco mais ou menos, dezeseis annos quando D. Affonso V, havendo desposado sua sobrinha D. Joanna, filha unica dos reis de Castella, se intitulou rei d'esse reino. Reconhecido e seguido por uma parte da nobreza castelhana, foi contrariado por outra parte que, tomando a voz de Izabel, tia de D. Joanna e irmã do fallecido rei Henrique IV, a acclamou rainha. Izabel, para robustecer mais o seu partido, casou com Fernando de Aragão, reunindo assim na sua mão os elementos dos dous reinos e oppondo uma seria resistencia a Affonso V. Este, tendo de recorrer ás armas, julgando-se forte com os seus partidarios, invadiu a Castella. Breve, porém, reconheceu que as suas forças não eram suffi-



SINES — INTERIOR DA EGREJA DE NOSSA SENHORA DE SALLAS

(Copia de photographias do sr. H. Vilhena)

(Vide artigo VASCO DA GAMA)

cientes para a facção que intentava e ordenou ao filho que fosse, com as hostes que ficara ordenando, em seu auxílio.

Partira o rei em abril de 1475, e o príncipe foi juntar-se-lhe em fevereiro de 1476.

E' nesta occasião que como dissemos em outra parte⁴ tomam armas os mançebos da nobreza do reino, os Albuquerque, Pachecos, Almeidas, Cunhas, Noronhas, Gamas, Corte Reaes etc., e deve ter sido nesta facção que Vasco da Gama, fez as suas primeiras armas. Se se refere a elle um documento que publicámos⁵ poderia ter servido de alferes em algum dos diversos corpos de tropas que formaram os exercitos do rei ou do príncipe.

A este proposito tem-se proferido bastantes inexactidões. Tem alguns julgado que não havia mais que uma ou duas bandeiras, quando além da bandeira ou signa real—que trazia o alferes-mór e na sua ausencia ou falta o alferes pequeno, caso em que está Duarte de Almeida, que não era o alferes-mór,—havia as bandeiras das ordens militares, as de cada terço, especie de batalhão do tempo, e as de outros troços de gente mais ou menos regulares de tropas. Assim não admira que appareçam varios individuos nomeados por haverem trazido a bandeira, como Vasco da Gama, e mais do que um que a houvesse salvo e arrancado das mãos dos inimigos. Pode ser que este nome, referido no documento que publicámos, não seja o do futuro heroe, mas o de algum seu homonymo, contudo não custa a acreditar que seja o d'elle.

Pouco tempo depois, em 1478, passava a rainha Izabel de Castella um salvo-conducto (*Veja a Rev. citada*) aos portuguezes *Fernando de Lemos e Vasco da Gama* para poderem passar por Castella a Tanger, embarcando em qualquer porto do seu reino, o que tambem pôde referir-se ao futuro almirante, e assim temos um conhecimento das suas primeiras e naturalissimas acções, na escola do tempo da mocidade portugueza; primeiro, a guerra de Castella; depois, a diuturnidade do exercicio das armas nas praças d'Africa.

(Continúa.)

Brito Rebello.

A ILHA DOS MORTOS



DEUS havia de castigar tamanhas crueldades. A mortandade horrivel, que a loucura dos moiros e as espadas portuguezas fizeram n'aquella Ilha de Beth, bradava aos céos vingança.

Entre as estrophes de epopéa, que tal é a historia dos portuguezes na India, que horrosos gritos de tragedias dilacerantes!

E os homens parecem gigantes e os heroes sobrehumanos.

E, porque Nuno da Cunha se demorou na escusada e barbara conquista, se perdeu a empreza de Diu. N'esse mesmo tempo, Mostafá e todos os mais turcos que estavam em Xael, chegaram á ilha e a fortificaram. O estandarte todo negro com uma morte pintada, que D. Vasco de Lima arvorou na barcaça com que tomou a deanteira, não levou a morte aos turcos, mas para elle proprio foi de triste agoiro. Os portuguezes tiveram de retirar. Castigo de Deus.

Bem falara a Nuno da Cunha o moiro honrado, querendo dissuadi-lo do proposito, mostrando-lhe o erro de embarçar-se de coisa tão pequena como era a conquista d'aquella Ilha de Beth.

Mas o Governador que havia em Chaul

juntado á sua armada as duzentas velas de Cochim, decidira em conselho metter todos os moiros á espada, para, infundindo terror nos de Diu, d'elles obter depois livremente a fortaleza.

Como erram tamalavez os designios dos homens!

Estava na Ilha um capitão de El-rei de Cambaia, turco, com uns dois mil soldados, muita artilheria e munições. Surto o Governador lhe mandou recado. Tres vezes o moiro, enviado pelo capitão com a resposta, fez a travessia das náos para a fortaleza, do senhor da Ilha para o senhor da armada. Não houve acordo; os portuguezes queriam batalhar á força; os moiros queriam morrer.

Nuno da Cunha de toda a sua gente fez seis bandeiras e mandou-as desembarcar em diferentes partes da Ilha. Heitor da Silveira tomou a deanteira com um esquadrão de mais de mil homens.

Em parte alguma houve resistencia.

Assentaram o arraial a um tiro de falcão da fortaleza e ahi se entrincheiraram.

Assestaram as baterias e começaram batendo as muralhas. No dia seguinte prepararam-se para o assalto.

Que faziam entretanto os moiros vendose perdidos, sem remedio?

Ajuntou-os o capitão e assim lhes falou:

«Bem vedes, amigos e companheiros meus, como tentei todos os remedios quantos a honra e a obrigação me deram logar, por ver se podia salvar as mulheres e filhos de todos os que aqui estamos, que é o que só desejava; porque nós, como somos homens, mais havemos de pretender uma morte honrosa que vida com vituperio, de que não podemos escapar, segundo estes inimigos estão encarniçados contra nós. Mas, porque, depois de todos acabados em nosso officio e obrigação, não fiquem nossas mulheres e filhos em seu poder, nem as fazendas que com tanto trabalho adquirimos, sou de parecer que antes se consuma tudo a nossas mãos, entregando-as ao duro fogo para que as gaste e consuma, e depois, com odio d'esta magua mais entranhavel e com a ira d'esta cruesa mais accesa, saiamos aos inimigos e tomemos n'elles vingança d'esta deshumanidade, que havemos de usar com nossas proprias mulheres e filhos. E, quando todos acabarmos a suas mãos, não lhes ficará coisa de que se possam louvar de nós. Assim ficaremos um raro exemplo ao mundo».

Raro se encontra na historia uma tragedia igual.

Mal o capitão turco acabára a sua arenga, furiosos partiram d'ali os moiros, cada um para sua casa, de espadas nuas nas mãos, fracas para se defenderem do valor dos portuguezes, crueis tingindo-se no sangue das mães, das irmãs, das esposas e dos filhos.

Corriam pela Ilha regatos de sangue e lagrimas.

A morte estendeu sobre a enorme mon-

tanha as grandes azas negras de morcego.

Os corpos dos bem amados juncavam as ruas.

No terreiro da fortaleza juntaram os moiros quanta lenha puderam e de quanto tinham de precioso, oiro, prata, alcatifas, moveis riquissimos, joias de inestimavel valor, de tudo fizeram uma fogueira enorme.

Então, brutalmente, sem dó, pegaram nos corpos ensanguentados e lançaram-os no incendio. Os cadaveres estorciam-se, como se ainda a enorme dôr pudesse prolongar-se além da morte. Arderam as roupas, viram-se os corpos nus. Negras columnas de fumo subiam em espiraes ao céo e tapavam a luz do sol. Braços erguiam-se em meio das chammas como a bradar vingança.

Os moiros foram-se á mesquita e, rapando as cabeças, fizeram em altos berros votos a Mafamede de morrerem todos vingando a morte d'aquelles innocentes.

Toda a noite as chammas crepitaram.

De madrugada os portuguezes encostaram as escadas ás muralhas e tentaram o assalto. Os moiros defenderam-se como desesperados, fazendo espantosas cavalerias. Um d'elles deu a barriga á lança d'um soldado nosso e correndo pela haste matou d'uma cutilada o inimigo, ambos cahindo, a um tempo, mortos e abraçados.

Dos dois mil moiros um só não ficou vivo.

Quando se deu busca á fortaleza de tantas riquezas ali accumuladas não havia mais do que cinzas.

Dos mortos se ficou chamando aquella Ilha.

Lá morreu tambem na refrega um dos mais valentes capitães do seu tempo, Heitor da Silveira.

E diz Diogo do Couto que deveria ficar aquella Ilha mais famosa no mundo pela morte do heroe portuguez que não pela causa porque hoje é conhecida.

J. C.

VASCO DA GAMA E A VIDIGUEIRA

Jazigo dos Gamas

COMO já dissemos, o manuscrito de fr. Alvaro da Fonseca, que tem referencias até ao anno de 1648, diz: «O primeiro senhor da casa da Vidigueira, que devemos pôr entre os que estão sepultados n'este convento de Nossa Senhora das Reliquias: he o grande D. Vasco da Gama, fundador da casa dos condes da Vidigueira, e primeiro conde della; que foi cazado com a condessa D. Catharina de Athayde. Tem este convento guardado seus ossos na capella mór, da banda do evangelho, junto ao altar mór; foi o grão D. Vasco da Gama, primeiro descobridor das Indias orientaes, almirante real dellas, e primeiro conde da Vidigueira; não tem epitaphio em sua sepultura».

O dizer do frade carmelita, a quem se não deve admittir a ignorancia do logar em que ficava o evangelho ou a epistola, e a certeza de ter sido aberta a inscripção da campa muito depois de se depositarem os ossos do grande almirante no presbyterio, são circumstancias mais que sufficientes para não deixar duvida sobre o verdadeiro local em que foram guardados na capella mór os restos mortaes de D. Vasco da Gama, excepto se se supposer que houve mudança dos jazigos depois de 1648, o que não é admissivel. O mesmo fr. Alvaro descreve as outras campas e respectivos epitaphios, o que verificámos pessoalmente,

⁴ *Vid. Euentas historicas. — A idade de Affonso de Albuquerque.*

⁵ *Revista de Educação e Ensino: Vasco da Gama.*

havendo apenas a transposição das inscrições dos dois jazigos que estão no presbyterio.

Os restos mortaes do primeiro conde da Vidigueira vieram de Cochim em 1530, e provavelmente trazidos por algum dos seus filhos, que fizeram repetidas viagens ao oriente. Foram depositados na antiga igreja da Senhora das Relíquias, e esta clausula devia entrar no contrato feito pelo almirante com os frades, e que el-rei D. João III lhe confirmou em Évora em 24 de maio de 1524.

Concluido a actual igreja em 1593, é de suppor que D. Miguel da Gama, que mais contribuiu para a sua edificação, se não descuidasse de trasladar os ossos de seu avô e mais pessoas de familia para os carneiros do novo templo.

No presbyterio, do lado da epistola, n'um carneiro, que terá pouco mais de 3 metros de comprimento por 1 de largo e 2 de alto, se diz estarem os ossos do immortal Gama: a campa é formada por quatro lages toscas, apenas alisadas na superficie em que foi gravado o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ O GRANDE ARGONA
VTA DOM VASCO DA GAMA PH.^o
CONDE DA VIDIGUEIRA AL
MIRANTE DAS INDIAS ORI
ENTAES E SEV FAMOSO DES
CORRIDOR.

Entre os povos civilizados considera-se dever sagrado respeitar as cinzas dos mortos e honrar a memoria dos homens benemeritos. Pois os cinerarios do grande almirante do mar das Indias e de seus descendentes não escaparam á torpe cobiça de uma estúpida horda de barbaros!... Desejavamos calar esta vergonha nacional, mas ella é de ha muito do dominio do publico, e a missão de narrador consciencioso obriga-nos mais uma vez a levantar parte do sudario que encobre esta chaga.

Expulsos os frades, foi a igreja profanada, e tudo ficou ao abandono, tornando-se propriedade de quem o queria ir buscar, com excepção das alfaias, que foram arrecadadas no governo civil de Évora. O que se não roubou, quebrou-se, e nem as cinzas dos mortos escaparam. Arramaram as campas, tiraram esporas e fains com guardanhões de prata, e deixaram os ossos em parte espalhados pela nave!!

O abade Antonio Damaso de Castro, movido por amor patriótico, requereu ao governo e as camaras, nos annos de 1844 a 1846, a trasladação de tão preciosos restos mortaes para a igreja dos Jeronymos de Belem.

Em 1844 o ministro do reino, pelo barão de Telheiras, mandou informar o requerimento do abade Castro ao governador civil de Beja, que então era o nosso illustrado amigo e collega academico, o fallecido conselheiro José Silvestre Ribeiro; e sobre o escandaloso factio julgámos por mais conveniente transcrever aqui as proprias palavras do seu officio de 8 de fevereiro de 1845, em resposta ao ministro do reino:

... Mal imaginava eu que na occasião venturosa em que ia ver com religioso respeito e patriótica admiração os restos mortaes do illustre e afamado argonauta D. Vasco da Gama, me estivesse reservado o sensível e dolorosissimo golpe de presenciar o acto de vandalismo mais barbaro que entre homens civilizados se tem commettido! A indignação foi n'este caso igual á vergonha, ao considerar que portuguezes desnaturados se arrojassem ferozes e estúpidos a profanar o jazigo de um grande homem, talvez somente para despojarrem o seu cadaver de alguma joia de valor, que com elle tivesse sido encerrada no tumulo! E, comtudo, assim havia succedido! Duas das pedras que cobrem a sepultura foram arrancadas para darem entrada para o jazigo do heroe a monstros que não se horrorisaram de devassar aquelle lugar sagrado, despedaçar o ataúde, roubar alguma cousa de preço e quebrar alguns dos venerandos ossos do magnanimo descobridor das Indias orientaes! Este crime, que não tem qualificação nas linguas humanas, foi perpetrado no anno de 1840, segundo me informaram o administrador do concelho da Vidigueira e outras pessoas da mesma villa. Pergunteei como pôde fazer-se isto, qual procedimento se tomara em tal occasião, ou como passou inobservado um factio de tal escandalo... e ninguém soube dizer-me uma só palavra, d'onde conclui que ninguém n'essa epocha deu a este caso a importancia que merece, e que por outro lado o vandalismo dos malvados só foi igualado pelo indolente descuido de quem devia vigiar pela conservação de tão precioso monumento. Penetrado de profundo horror e de pungente tristeza, mandei immediatamente lavar um auto pelo administrador do concelho, no qual se lançasse a no-

ticia do que se encontrou, e é o que acompanha por copia este officio. Em seguimento ordenei ao mesmo funcionario que mandasse igualmente collocar bem as duas pedras que haviam sido deslocadas e intimasse o proprietario actual da igreja que não deixe ali entrar ninguem até que eu possa dar as providencias necessarias. Passarei agora a satisfazer a ultima parte das ordens que v. ex.^a me transmittiu. Parece-me que o governo deverá auctorisar-me para mandar fazer um cofre onde sejam encerrados os ossos que n'aquella sepultura se encontram, devendo na occasião do encerramento assistir um facultativo para verificar se os ditos ossos são todos pertencentes a um só cadaver ou se ha entre elles algum estranho, visto como a sepultura foi arrombada e se encontra ali um pedaço de craneo, que parece ser de outro cadaver...»

No seculo XIX, ao tempo que esses miseraveis praticavam taes actos da mais supina malvadez, os poderes publicos, com a maior indifferença, ordenavam a venda da igreja onde se guardavam os restos mortaes de D. Vasco da Gama, cujas facanhas são e serão sempre admiradas como a aureola mais brilhante e grandiosa do nosso braço nacional.

Apesar das repetidas reclamações do abade Castro, e das nossas, as cinzas do immortal conde almirante ainda se conservaram esquecidas no jazigo profanado até 1880. As resoluções que o governo tomou n'este anno e a cerimonia de trasladação constituem o penultimo capitulo d'este opusculo, e por isso voltaremos á descripção de fr. Alvaro da Fonseca, a quem não podemos deixar de considerar auctoridade documental.

«Defronte do grão Dom Vasco da Gama, da banda da epistola, onde está o Prisbiterio estão em outro tumulo forrado de veludo preto e coberto com hu pano de veludo preto debaixo de um docel outrosy de veludo preto com as armas dos Gamas: os ossos de seu bisneto, Dom fransisco da Gama, quarto conde da Vidigueira, que foi cazado com a sr.^a Dona Leonor Coutinho de Tavora; o qual governou a India duas vezes, sendo vizo-rei della. Tem em sua sepultura o epitaphio seguinte: *Aqui jaz Dom fransisco da Gama, quarto Conde da Vidigueira, Almirante da India, vizo-rei della duas vezes, Presidente do seu Concelho, gentilhomo de camera de sua Magestade; e do seu Concelho destado que avendo servido singenta e seis annos, começando de quatorze, foy captivo na batalha de Alcaçere; veo acabar em oropesa, mal satisfeito de seu Rey. Foi trasido, a trinta de mayo de seis cent e quatroenta*».

Esta inscripção estava pintada na madeira do tumulo: a que existe hoje, aberta n'uma das pedras que cobre o carneiro do lado do Erangelho, é quasi a mesma e diz:

AQUI JAZ D^x FRANCISCO DA GAMA 4.^o CONDE DA VIDIGUEIRA, ALMIRANTE DA INDIA, VIZOREI DELLA DVAS VEZES, PRESIDENTE DO SEV CONCELHO, GENTILHOM DE CAMERA DE S. MA.^o E DO CONCELHO DE ESTADO, QUE AVENDO SERVIDO 56 ANNOS, COMEÇANDO DE 14 FOI CAPTIVO NA BATALHA DE ALCAÇERE, VEJO ACABAR EM OROPEZA MAL SATISFEITO DE SEV REY. DONDE FOI TRAZIDO A 30 DE MAIO 640.

O manuscripto de fr. Alvaro da Fonseca continua:

«Abaxo da sepultura do grão Dom Vasco da Gama, no solo da capella-mór, está enterrado seu filho, Dom Estevam da Gama, e tem sobre a sua sepultura, o epitaphio seguinte: *Aqui jaz Dom Estevam da Gama, do Concelho del-rey Dom João o terceiro; filho de D. Vasco da Gama, conde da Vidigueira, Almirante da India; e da Condeça Dona Catharina de Atayde, que sendo governadora da India, em Socovó², Mar Roxo, ses cavaleiros³ no Torrom, ulum mosteiro de frades, da ordem de Santa Catharina de Monte Sinay, que está á vista do mesmo monte. Falleceo em septembro de 1575*».

«Neste carneiro foi tambem depositado o corpo

¹ D. Francisco da Gama escreveu: *Relação do que lhe aconteceu na viagem da India até Macambique*. Existe este manuscripto na bibliotheca de Madrid. *Memorias de litteratura*, tom. III, pag. 34.

² Socotrá?

³ Foram os principaes D. Alvaro de Castro, filho primogenito de D. João de Castro, e D. Luiz de Atayde, que depois foi duas vezes vice-rei da India.

⁴ Desta campa não restam vestigios; provavelmente foi arrancada e quebrada quando profanaram os tumulos dos senhores da Vidigueira.

⁵ Filha do primeiro conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal e de sua mulher D. Brites de Vilhena. Morreu D. Guiomar em 1585, e escreveu um livro que intitulou: *Considerações pijs sobre alguns passos de Nossa Senhora*.

de Dona Guiomar de Vilhena⁵, mulher de Dom Francisco da Gama, segundo conde da Vidigueira, e o de seu filho Dom Miguel da Gama, principal fundador da actual igreja e convento⁶. Além destes foram ahí depositados: D. Vasco da Gama, filho de Dom Francisco da Gama, quarto conde da Vidigueira, e de sua primeira mulher D. Maria de Vilhena. E outros senhores estão sepultados na capella mór, de que não tive noticia; d'aqui em diante se podem pôr os que vierem.»

Aqui termina o manuscripto de fr. Alvaro da Fonseca; elle mesmo confessa não ter podido colher a relação de todas as pessoas da casa dos condes da Vidigueira, que ahí haviam sido enterradas e provavelmente no cartorio do convento tambem não havia esclarecimento algum a tal respeito, a que o frade se soccorresse.

O caderno ainda continua, mas já por outra letra, dizendo: «Os dous srs. acima Dom Miguel e sua mai a condessa Dona Guiomar de Vilhena estão no carneiro que fica em cima junto ao altar mór da parte da Epistola, ao pé do conde D. Francisco da Gama; e n'esse mesmo carneiro está a condessa D. Leonor Coutinho de Tavora, que morreu em 25 de janeiro de 648, indo da Vidigueira com sua filha, genro e netos, Barões de Alvito, de hu desastre, e foi que se uirou o couche com ella e com a filha em revez, e só ella perigou, e morreu logo, e muito em breue, e dizem que com o abalo ser em falso lhe arrebentou hua postema. Em os vinte e dous do dito mes e anno tinham vindo ella e os senhores nomeados despedir-se de Nossa Senhora das Relíquias com muita fé. Deus lhe dêe sua gloria Amem.»

Seria isto escripto em correccão a frei Alvaro da Fonseca, ou mudança que se fez depois dos ossos de D. Miguel da Gama e de D. Guiomar para o jazigo de seu pae e marido? É muito provavel ter-se dado a primeira hypothese.

Em seguimento, mas já por uma terceira letra, está escripto: «Aos 25 de outubro de 673 veio enterrar a este convento e Senhora D. Maria Mascarenhas⁷, filha legitima dos illustrissimos Condes da Vidigueira o sr. D. Francisco da Gama e a sr.^a Donna Brites Mascarenhas, esta ueo (em 1700) em hu caixão forrado de *chamalote* encarnado, está posta em o altar-mór, na parte do evangelho⁸, junto do tumulo do gram Dom Vasco da Gama.»

«Aos 28 de outubro de 1676 morreo o Sr. Marquez de Niza D. Vasco Luis da Gama⁹. Marquez de Niza e veyo a enterrar a este convento, e está sepultado no meyo de choro da capella-mór, como declara o epitaphio da sua sepultura.»

A letra d'esta nota é de outro auctor, que não transcreveu o epitaphio, aberto n'uma bella campas de fino marmore, com as armas dos marquezes de Niza, muito salientes e ornamentadas, o qual diz:

—N'ESTA S.^a JAZ O EX.^{mo} SR. D. VASCO LVIZ
—DA GAMA, 5.^o ALMIRANTE DA INDIA E CONDE DA
—VIDIGUEIRA, 1.^o MARQUEZ DE NIZA E SEV ALCAIDE
—MAIOR SENHOR DAS VILLAS DA VIDIGUEIRA, POVOE
—E VILLA DE FRADES, COMMENDADOR DAS COMMENDAS
—DA ORDEM DE CRISTO D.^s THIAGO DA CIDADE DE BE-
—LIA, E DO TERÇO DA VILLA DO VIMIOZO, DOS CON-
—CELHOS DE ESTADO E GUERRA, DESPACHOS
—E IVNTAS TODAS
—DOS REIS D. JOÃO IV, D. AFFONSO VI, DA RAINHA
—REGENTE D.
—LVIZA, DO PRINCIPE D. PEDRO, E ESTRIBEIRO MOR DA
—PRINCEZA D. MARIA FRANCISCA IZABEL DE SARDIA,
—VEADOR DA FAZENDA E DA IVNTA DOS TRES
—ESTADOS, EMBAIXADOR O FOI DVAS VEZES
—EM FRANÇA, ORDINARIO E EXTRAORDIN-
—ARIO, E NOMEADO DE OBEDIENCIA AOS PA-
—PAS VRBANO VIII E INNOCENCIO X FOI 5.^o NETO
—DO GRANDE D. VASCO DA GAMA, DES-
—CORRIDOR DA INDIA E SEV 1.^o ALMIRANTE E CONDE
—DA VIDIGUEIRA; NASCEU A 13 DE SETEMBRO DE 1612
—E VALECEU A 28 DE OVTUBRO DO ANNO DE 1676.

Com a mesma letra continua o caderno:

«Na mesma sepultura está o corpo do Sr. D. João da Gama, seu filho, que morreu n'esta villa em...».

«Nesta sepultura está tambem o corpo do Sr^o

⁶ D. Miguel da Gama veio da India na sua nau *Relíquias* em 1683, e trazendo, segundo assevera Barbosa Machado, os quatro livros das *Leituras das Indias*, de Gaspar Correia, comprados em Goa, e que doou a seu sobrinho D. Francisco da Gama. Gaspar Correia falleceu em Goa depois de 1661.

⁷ Havia nascido a 11 de fevereiro de 1667.

⁸ Nasceu a 26 de outubro 1661, foi arcebispo de Fonte Arcada, e falleceu muito moço.

⁹ Continua a mesma disposição dos tumulos do presbyterio, do descobridor dos mares da India e do seu bisneto o quarto conde da Vidigueira.



Vasco da Gama

D. Francisco Luiz da Gama, 2.º marquez de Niza¹, que morreu em Evora, em casa de seu irmão o S.º Arcebispo, em 14 de Agosto de 1707².

O manuscripto termina narrando ainda mais um milagre da Senhora das Relíquias, acontecido a 30 de agosto de 1732, e está authenticado com a assignatura do vigario-prior fr. Luiz Pantoja.

Trasladação dos restos mortaes de D. Vasco da Gama e Luiz de Camões para a Igreja dos Jeronymos em Belem

Teve lugar em 1840 a profanação dos jazigos dos Gamas na capella mór e cruzeiro da igreja do ex-convento de Nossa Senhora das Relíquias, da Vidigueira. No anno seguinte, a 20 de setembro, fez-se a arrematação em hasta publica da cêrca e edificios, onde se incluía a igreja, o que despertou o amor patrio de varios cidadãos que pediram a trasladação, pelo menos dos restos mortaes do heroico descobridor do caminho maritimo da India, para um monumento nacional, como tributo de gratidão pelos seus gloriosos feitos.

Iniciou a cruzada o abbadé Castro e Sousa, dirigindo em 24 de março de 1844 um requerimento á camara dos deputados; e como este não surtiu effeito, renovou, em 26 de janeiro de 1846, o pedido aos dignos pares do reino, para se fazer a trasladação das preciosas cinzas do immortal D. Vasco da Gama para o templo de Santa Maria de Belem.

Do primeiro requerimento mandou o ministro do reino ouvir, como já dissemos, o governador civil de Beja, José Silvestre Ribeiro, que foi ao extinto convento de Nossa Senhora das Relíquias, e pessoalmente verificou os descatos commettidos nos tumulos. Mandou levantar auto pelo administrador do concelho, historiando os factos; assistiu ao encerramento dos jazigos, mandando collocar as campas d'onde lhe pareceu que haviam sido arrancadas; e intimou o novo proprietario para não consentir a abertura dos carneiros dos Gamas até ulterior resolução do governo de Sua Magestade. O relatório do illustre magistrado foi enviado para o ministerio do reino em 8 de fevereiro de 1845, informando da urgente necessidade de deferir o requerimento do abbadé Castro e Sousa; mas circumstancias, que não podemos apreciar, fizeram que nada se resolvesse sobre tão importante assumpto.

Em janeiro de 1871, n'uma conversa que tivemos com o marquez de Sá da Bandeira, que tamanho culto prestava ás glorias patrias, lamentámos o esquecimento em que tinhamos as cinzas de homens, dos quaes a nossa historia tanto se ufanava, sendo dos mais notaveis o descobridor do caminho maritimo da India, cujas cinzas estavam arriscadas a perder-se por ter sido vendida a igreja, onde se guardavam. O marquez, despertando em brios, disse-nos: «É preciso attenuar esta vergonha; vá da minha parte fallar com o marquez d'Avila e Bolama, e disponha-o a promover a trasladação dos restos mortaes de D. Vasco da Gama.»

O nobre marquez então presidente do conselho de ministros e ministro do reino; associou-se da melhor vontade aos desejos de Sá da Bandeira, e no dia seguinte lavrou-se o decreto nomeando a commissão.

Os trabalhos da commissão foram inaugurados pelo mesmo ministro do reino, n'uma das salas do ministerio, na quinta feira 9 de março de 1871, pelas onze horas da manhã, havendo mais sete sessões, a 5, 13 e 22 de maio, 5 de junho, 12 e 19 de julho, em que se entregou o relatório e projecto do programma³. Dias depois demittiu-se o ministerio Avila e o que o substituiu mandou a papelada para o limbo.

Por essa occasião o distincto architecto, o sr. Rafael de Castro, fez um desenho, para o tumulo que devia encerrar as cinzas do primeiro conde da Vidigueira.

A commissão tinha tambem o grandioso projecto de propôr ao governo que se fossem collocando annualmente identicos monumentos, nas paredes lisas do corpo da igreja dos Jeronymos, com os restos mortaes d'essa pleiade de heroes que na india secundaram os planos do famoso descobridor, fundando e consolidando o grande imperio portuguez no Oriente.

Era uma idéa patriótica, e a nação não deve deixar de cumprir essa homenagem a tão insignes

varões, que com a maior abnegação se sacrificaram pela patria, e cujas façanhas não só Portugal mas o mundo civilisado admira.

Decorreram nove annos.

A Academia real das sciencias, na sessão de assemblea geral de 13 de abril de 1880, ouviu ler uma representação; elegantemente redigida pelo seu secretario, o sr. Latino Coelho, pedindo ao governo para que fizesse parte dos festejos, que se estavam preparando para solemnizar o terceiro centenario da morte do grande epico Luiz de Camões, a trasladação dos seus restos mortaes conjunctamente com os de D. Vasco da Gama.

A Academia renovando o pedido procurava reparar a falta de gratidão nacional para dois dos maiores vultos da nossa historia, o celebrado cantor dos *Lusiadas* e o heroe protagonista do poema, que abriu *por mares nunca d'antes navegados* as portas do Oriente.

O governo de Sua Magestade deferiu a representação da Academia, em officio de 19 de abril, e incumbiu a mesma corporação de organizar o programma para se levar a effeito a dupla trasladação. Na reunião da seguinte assemblea geral foi nomeada uma commissão para coordenar o projecto do programma, de que fizeram parte os srs dr. Thomás de Carvalho, Latino Coelho e o auctor d'este estudo, a quem foram conferidos tambem plenos poderes para combinar com o ministro do reino o modo de o executar.

O governo pela carta regia de 18 de maio approvou o programma e nomeou-nos commissario regio para o fazer cumprir em todos os seus detalhes.

A Academia ainda teve outra assemblea geral para nomear dois socios os srs. Pinheiro Chagas e Frederico Augusto Oom, os quaes, com o commissario regio a representassem na exhumação e trasladação dos restos mortaes de Vasco da Gama na igreja dos carmelitas da Vidigueira; e elegeu outra commissão, composta dos srs José Silvestre Ribeiro, Vilhena Barbosa e Silva Tulio, para receberem no convento de Sant'Anna a urna, depositada n'uma das capellas do côro debaixo, onde se achavam alguns dos ossos de Luiz de Camões.

Obtidas as licenças do sr. conde da Vidigueira e da ex.ª sr.ª D. Marianna da Assumpção da Gama Lobo Gil de Macedo, proprietaria do extinto convento das reliquias, saímos no dia 5 de junho para a estação de Cuba, acompanhando-nos, na qualidade de secretario, o nosso bom amigo e collega dr. Sousa Viterbo. Eramos ali esperados pelos srs. D. José Gil de Macedo, visconde da Ribeira Brava e engenheiro Falcão, que nos conduziram nas suas carruagens para a Vidigueira, hospedando-nos nas casas que tinham sido convento de carmelitas de modo que nos serão sempre gratas as recordações dos innumerables obsequios que aquellos cavalheiros nos dispensaram, concorrendo tambem para dar á solemnidade nacional a maior pompa e esplendor.

O povo vidigueirense não teve a menor idéa de se oppor á saída dos restos mortaes do grande almirante do mar das Indias, como disseram alguns jornaes de Lisboa: pelo contrario, associou-se com entusiasmo á sua apothese.

Na manhã seguinte levantou-se a pedra da sepultura, que tinha a inscripção: **AQVI IAZ O GRANDE ARGONAVTA D. VASCO DA GAMA, PR.º CONDE DA VIDIGVEIRA, ALMIRANTE DAS INDIAS ORIENTAIS E SEV FAMOSO DESCOBRIDOR**, na intenção de se descreverem os ossos que ali se encontrassem e acondicionar os convenientemente na urna de sandalo fabricada no arsenal da marinha.

N'essa occasião um telegramma⁴ do sr. conde

¹ Achando-nos incumbidos da trasladação e tendo como adjunto, na qualidade de secretario, o nosso collega e amigo Sousa Viterbo, tambem medico, mal se explica a falta de um estudo minucioso nos ossos encontrados na sepultura, cuja inscripção dizia ser do grande argonauta D. Vasco da Gama, o descobridor da India, e para não assumirmos responsabilidade que nos não compete, explicamos o que se passou: haviamos combinado com o sr. conde da Vidigueira irmos juntos, mas por motivo de incommodo não pôde s. ex.ª acompanhar-nos. Chegámos ao extinto convento carmelita de Nossa Senhora das Relíquias na tarde do dia 5 de junho; no dia 6, pelas sete horas da manhã, abriu-se o carneiro para se beneficiar, e quando começavamos a relacionar os ossos recebemos do sr. conde da Vidigueira o seguinte telegramma: «Teixeira de Aragão — Vidigueira»

«A exhumação começada na minha ausencia e sem a minha auctorisação considero-a uma profanação e um abuso e protesto. Declaro tambem que, não sendo transferida a ordem das urnas no cortejo, protesto energicamente por não ter sido assim convenção. Resolva como entender mas assumo a grave responsabilidade. Só vou amanhã, porque só então ha o primeiro comboio especial.» — Conde da Vidigueira

Satisfiz-se a primeira parte dos desejos do sr. conde; e emquanto á segunda convenceu-se elle depois que o lugar de honra era atrás das cinzas do principe dos poetas portuguezes, como estava no programma, e não adiante como se persuadia.

da Vidigueira fez suspender estes trabalhos e encerrar o jazigo.

E' para lamentar que este incidente obstasse ao estudo osteologico dos restos mortaes ali encontrados, sendo de mais a mais encarregados d'esta commissão dois medicos.

As recolhidas do Espirito Santo da villa não pozeram a menor difficuldade na cedencia da imagem de S. Raphael, que na descoberta da India ornava a proa da nau de Paulo da Gama, mostrando comtudo certo pesar de que o menino Tobias, que lhe haviam addicionado, o não acompanhasse n'aquella procissão triumphal para Lisboa.

No mesmo dia, á tarde, chegaram ao ex-convento das Relíquias os dois socios da Academia real das sciencias, os srs. Pinheiro Chagas e Frederico Augusto Oom, que com o respectivo delegado constituíram a commissão que a devia representar, e juntamente o sr. Rodrigues Costa, presidente da commissão executiva da imprensa, promotora das festas do centenario.

Na manhã do dia 7 tornou a levantar-se a camp, estando presentes o sr. conde da Vidigueira, commissão da Academia, representante da imprensa, D. José Gil, visconde da Ribeira Brava, engenheiro Falcão, dr. Sousa Viterbo, e outros cavalheiros, e apenas houve tempo de se encerrarem os ossos na urna, observando-se irem caveiras, femurs e tibias que pareciam correspondentes a quatro esqueletos. Em seguida a urna foi collocada na eça, que estava armada no cruzeiro, e postaram-se duas sentinellas de veteranos da marinha de guerra.

Pouco depois começaram a affluir ao convento ranchos dos povos circumvizinhos, e muitos vehiculos conduzindo os personagens mais qualificados do districto. As nove horas cheou o chefe de estado maior da divisão, o coronel Abreu Vianna, e em seguida o regimento de infantaria 17 e um esquadrão de cavallaria 5, que vinham formar parte do cortejo, conforme determinava o programma.

O dia estava esplendido: a tropa abivacada na frondosa alameda em alegre convívio com os grupos campestres vestindo as suas galas domingueiras; nas janellas e varandas do extinto convento as senhoras com vistosas toilettes, os cavalheiros com as fardas de gala, que os raios solares reflectiam em brilho, e em baixo os serviços na azafama do trabalho animavam aquelle encantador panorama.

As dez horas e meia o sr. conde da Vidigueira, commissão da Academia, representante da imprensa, governador do bispado, dr. Boavida, acompanhado com o clero, governador civil, secretario geral e outras auctoridades civis e militares, e grande numero de cavalheiros do districto, tomaram logares na igreja, começando a cerimonia religiosa que, apesar de ser toda funebre, como ordena o ritual para os restos mortaes de um christão foi uma verdadeira apothese ao heroico navegador.

Terminadas as orações, lavrou-se o auto de entrega da urna ao commissario do governo pelo sr. conde da Vidigueira⁵, e em seguida quatro veteranos da marinha tomaram as argolas da urna envolta na bandeira das quinás, sendo distribuidos os cordões ás auctoridades e pessoas mais notaveis do districto, e assim a conduziram para o coche de gala ao som festivo dos sinos, das girandolas, e do hymno nacional tocado pelas duas philarmônicas, banda militar, tambores, cornetas e clarins, prestando a tropa a continencia da ordenança.

Rompiam a marcha dois batedores e um piquete de cavallaria, seguiam-se as carruagens com as auctoridades, commissões e convidados, depois o coche com a urna coberta com a bandeira nacional e a imagem de S. Raphael, fechando o cortejo o esquadrão de cavallaria n.º 5 e o regimento de infantaria 17.

O sequito ia imponente, caminhando sempre entre alas de povo jubiloso, tanto nos valles, como trepado pelas collinas de verdura, formando maravilhosas ondulações e causando no conjuncto encantador panorama.

Na Vidigueira, n'uma praça arborizada da villa, parou o cortejo para solemnizar a collocação da pedra fundamental da casa para escola, que o governo ali mandava edificar, e que devia denominar-se de — VASCO DA GAMA. Ahi discursaram os srs. Pinheiro Chagas, da Academia das sciencias, Rodrigues Costa, presidente da commissão executiva da imprensa, e Fialho Machado, deputado pelo circulo, demonstrando todos quanto aquelle monumento civilisador poderia no futuro ser o padrão mais glorioso levantado ao grande homem que, pela audacia, e, ainda mais, pela sua superior intelligencia, logrou abrir as portas ma-

¹ Havia nascido no 1.º de março de 1676.

² O marquez de Niza, no seu officio de 16 de fevereiro, deu a auctorisação, que se lhe havia pedido, para a trasladação dos restos mortaes de D. Vasco da Gama para a igreja de Santa Maria de Belem, e escusou-se por motivos particulares de fazer parte da commissão, sem se eximir de lhe prestar todo o auxilio que d'elle dependesse.

ritimas do Oriente, dando assim incremento ao commercio e á civilização moderna d'aquelles povos.

Terminada a cerimonia, o cortejo tornou a pôr-se em marcha e chegou a Cuba ao pôr do sol. A urna e o archanjo foram depositados no salão do comboio expresso, armado em camara ardente, e ali ficaram durante a noite, velando, duas sentinellas de veteranos da armada.

No dia seguinte, pelas oito horas da manhã, largou o comboio da estação, levando nas carruagens luzido sequito, ao som das musicas, tocando o hymno nacional, das girandolas de foguetes e de entusiasticos vivas da multidão de gente que ali havia affluído. As margens do tracto estavam tambem guarnecidas com grupos de habitantes das povoações vizinhas, que em expansivo jubilo saudavam o prestito na sua passagem.

Na estação de Alvito houve uma pequena demora para a camara d'esta villa depositar sobre a urna uma formosa corôa, recitando o seu presidente uma patriótica allocução, a que respondeu o commissario do governo e delegado da Academia.

Na estação do Barreiro, onde chegou o comboio depois do meio dia, estava postada, como guarda de honra, uma força de caçadores n.º 1, tendo ao lado a philharmonica Capricho, e ali teve lugar identica cerimonia, reunindo-se ao prestito a corporação dos officiaes de marinha, levando á sua frente o vice-almirante, commandante geral da armada, visconde de Soares Franco, e o respectivo ministro o sr. marquez de S. Bugosa.

Os restos mortaes do grande navegador, com a imagem do archanjo S. Raphael, embarcaram na *saveira real*, armada com toldo de damasco, e a committiva accomodou-se nos pequenos vapores do arsenal, navegando para a corveta *Mindello*, do commando do digno capitão de fragata Craveiro Lopes, que se achava fundeada no canal, independente das aguas da maré. A urna foi recebida com todas as solemnidades, a gente nas vergas e os officiaes do navio ao portão, de onde a conduziram para a praça de armas, collocando-a n'um pavilhão formado com bandeiras e trophéus militares. A entrada do cofre o navio embandeirou em arco, firmando no tope grande a bandeira de almirante, a guarda apresentou armas, tocando o hymno nacional a charanga do corpo de marinheiros, e as praças da companhia dos guardas marinhas formaram a guarda de honra aos restos mortaes do primeiro almirante da India.

A corveta levantou ferro e navegou rodeada de immensos barcos de diferentes generos, movidos a vapor e de vela, tambem vistosamente embandeirados, dispondo-se assim uma esplendida flotilha, que innumerables espectadores aguardavam ansiosos nas margens do Tejo.

A corveta, trazendo a reboque a *saveira* e o vapor *Operario*, veio amarrar a uma boia em frente do arsenal da marinha. Neste local achava-se já a urna com os restos mortaes do famoso cantor dos *Lusíadas*, que outra commissão da academia real das sciencias, os srs. José Silvestre Ribeiro, Silva Tulio e Vilhena Barbosa, havia ido buscar ao côro debaixo do convento de Sant'Anna, lavrando-se o competente auto de entrega e sendo conduzida, depois de prestados os suffragios da igreja, em um antigo coche da casa real seguido de mais cinco com a respectiva commissão, outros socios da academia e varias auctoridades convidadas para a cerimonia, fechando o prestito a brigada de cavallaria.

No arsenal foi recebido o cofre, contendo os restos do immortal cantor das glorias portuguezas, pelos directores geraes e chefes de repartição, acompanhados dos officiaes e empregados d'aquelle ministerio, que o conduziram solemnemente para o caes da superintendencia, onde embarcou na *galeota grande*, tomando os convidados lugar nos escaleres do arsenal.

Ao mesmo tempo passou de bordo da corveta *Mindello* para o *bergantim* a urna com os restos mortaes de D. Vasco da Gama, bem como o commissario do governo, o sr. conde da Vidigueira e sua familia, o capellão da armada e praças da companhia dos guardas marinhas. Ao desembarcar a urna da corveta arriou esta do tope grande a bandeira de almirante, que foi arvorada no *bergantim*.

O cortejo navegou rio abaixo na fórma determinada no programma marítimo, saudado pelo povo apinhado nas margens do Tejo, e a bordo das embarcações nacionaes e estrangeiras, que se achavam vistosamente embandeiradas, salvando as de guerra com dezeseite tiros e a marinhagem nas vergas.

A marcha fluvial produzia maravilhoso effeito: era uma solemne consagração que fazia recordar velhas glorias.

Depois das 4 horas as *galeotas*, *bergantins*, e escaleres aprouaram ao caes de Belem, adornado com vistosas galas, onde aguardavam o cortejo as camaras municipaes de Lisboa e Belem, o presidente da do Porto, dignos pares do reino, deputados da nação, membros dos tribunaes civis e militares, commissão da imprensa, generaes, etc. Collocadas as urnas sobre carretas de artilheria naval, cobertas por bandeiras nacionaes, ladeada a de Camões pelos socios da Academia real das sciencias, membros da imprensa, e da Sociedade de Geographia, e a de Vasco da Gama pelos officiaes do exercito de mar e terra, guardas marinhas, veteranos e outros convidados. Os cordões das urnas foram distribuidos aos representantes das classes mais elevadas do estado, dirigindo se o cortejo processionalmente para a igreja de Santa Maria de Belem, fechando o prestito o ministro da marinha, o commissario do governo e delegado da Academia, o sr. conde da Vidigueira e sua familia, e a guarda dos marinheiros. Na rua do transitto, orlada de postes embandeirados, tendo escudos com emblemas allegoricos intercalados com os retratos de D. Vasco da Gama e de Luiz de Camões, e versos dos *Lusíadas*, achavam-se os corpos de infantaria da guarnição formando alas e contendo a custo as massas da compacta multidão do povo. Formavam um quadro esplendido os regimentos apresentando as armas, ao som dos hymnos marciaes, ás cinzas do famoso almirante das Indias, junto com o troar da artilheria e o estrondear dos foguetes.

A porta do templo esperavam o prestito Suas Magestades El-Rei, a Rainha e o Senhor D. Fernando, o ministerio e a corte, que acompanharam as urnas, envoltas no estandarte das quinas até serem collocadas nas eças armadas no cruzeiro. Em seguida Suas Magestades tomaram lugar na tribuna da parte do evangelho com o corpo diplomatico e a corte, e na do lado da epistola ficaram os dignos pares do reino, deputados e convidados. As ceremonias religiosas foram rezadas e cantadas pelos parochos da capital e de Belem, acompanhados pela musica da real camara, regida pelo eximio maestro Manuel Innocencio dos Santos¹.

Findas as rezas, conduziram-se as urnas para a capella do cruzeiro do lado da epistola, onde estão os tumulos dos filhos de D. João III e de sua mulher D. Catharina, tendo no tope o grande mausoléu, que D. Pedro II mandou levantar para guardar os ossos de el-rei D. Sebastião, SI VERA EST FAMA, que Philippe II mandou para Portugal para socegar os animos dos *sebastianistas*². Ahi se procedeu á abertura das urnas e verificação das ossadas, lavrando-se o auto da entrega, que foi assignado por Suas Magestades, altos funcionarios e muitas pessoas presentes.

El-Rei o Senhor D. Luiz e a Rainha a Senhora D. Maria Pia depositaram em cada uma das urnas uma formosa corôa de prata, como tributo de consideração á memoria d'aquelles grandes vultos da nossa historia.

Foi uma verdadeira apothese, que terminou quasi ás seis horas, salvando na Junqueira o regimento de artilheria n.º 1 e dando a infantaria as tres descargas da ordenança, cumprindo-se assim os programmas mandados executar pelos ministerios do reino e da marinha.

N'esse dia fazia trezentos e oitenta e tres annos menos um mez que Vasco da Gama partira da praia do Restello, que ficava fronteira ao convento dos Jeronymos, para emprender a descoberta

do caminho marítimo da India, e tres seculos menos dois dias que o famoso cantor dos *Lusíadas* havia fallecido.

Esta festa triumphal, tão solemne e grandiosa, promovida pela Academia real das sciencias, representava o pagamento de divida sagrada ao Gama e a Camões. O povo associou-se espontaneamente á glorificação do passado, e o entusiasmo nacional nas manifestações de amor patrio eram esperançosas crenças no porvir.

No dia 10 teve lugar a imponente procissão civica, iniciada pelos membros da imprensa, e dirigida pela sua commissão executiva.

Veritas super omnia

Dizei em tudo a verdade.
A quem em tudo a deveis.

SÁ DE MIRANDA.

Quando fomos encarregados de dirigir a traslação dos restos mortaes de D. Vasco da Gama, fizemos abrir no presbyterio de Nossa Senhora das Reliquias, e do lado da epistola, o carneiro, cuja inscripção gravada em campa rasa, dizia, existirem ali as cinzas do que descobriu o caminho marítimo da India, e n'esse carneiro encontramos ossadas incompletas de quatro esqueletos.

O sepulchro estava reconhecido officialmente como pertencente ao primeiro conde da Vidigueira, pelo officio e relatorio do governador civil de Beja em 1845, quando foi a Vidigueira, e mandou recolher os ossos dispersos nos carneiros dos Gamas, cobrindo-os com as campas, que cinco annos antes um vandalos haviam profanado para roubar varias esporas e espadins com copos de prata.

D'este facto lavrou-se auto.

O encargo que nos foi committido não permitia estudo critico na sua historia progressa; pouco depois de feita a exhumação dos ossos, na presença do sr. conde da Vidigueira, começaram os officios pela cleresia do bispado de Beja.

Mas no escripto começado em 1646 por fr. Alvaro da Fonseca, a collocação dos dois carneiros no presbyterio é diversa, dando da parte do evangelho o jazigo de Vasco da Gama, e na da epistola o de D. Guiomar de Vilhena, fallecida em 1648; seu filho, D. Miguel da Gama, fundador da actual igreja; D. Francisco da Gama, que foi duas vezes vice-rei da India, e sua segunda mulher, D. Leonor Coutinho de Tavora.

Fr. José Pereira de Sant'Anna na sua *Chronica dos carmelitas da antiga e regular observancia n'estes reinos de Portugal, Algarves e seus dominios* (1745-1751) faz igual descripção.

Costava-nos a acreditar que os frades confundissem a epistola com o evangelho; e, se no tempo de fr. Alvaro as campas não tinham epitaphio, e as cinzas de D. Francisco da Gama, quarto conde da Vidigueira, ainda se conservavam n'um tumulo de madeira, não se dava o mesmo caso com o chronista da ordem, que escreveu no meado do seculo XVIII, em presença dos documentos originaes que lhe haviam mandado todos os conventos da provincia.

A actual igreja concluiu-se em 8 de setembro de 1593, devendo por essa epocha ser feita a traslação dos ossos de D. Vasco da Gama da Antiga capella para novo jazigo. Mediaram apenas cincoenta e tres annos de então até fr. Alvaro da Fonseca começar o seu manuscripto em 1646, e n'esse periodo não é facil de suppor que no convento se ignorasse o lugar da sepultura do primeiro conde da Vidigueira. Não é tambem provavel que D. Miguel da Gama, que promoveu a edificação do templo, collocasse o sepulchro de seu avô, gloria e fundador da fidalguia da sua casa, do lado da epistola, quando o do evangelho gosa a primazia.

Com estes indicios, e tendo verificado, na exhumação feita no carneiro da parte da epistola, a existencia, ainda que incompleta, das quatro ossadas, conforme descreve o manuscripto de fr. Alvaro, e a chronica de fr. José Pereira de Sant'Anna, resolvemos, para calar escrupulos de consciencia, ir procurar a prova no carneiro do lado do evangelho.

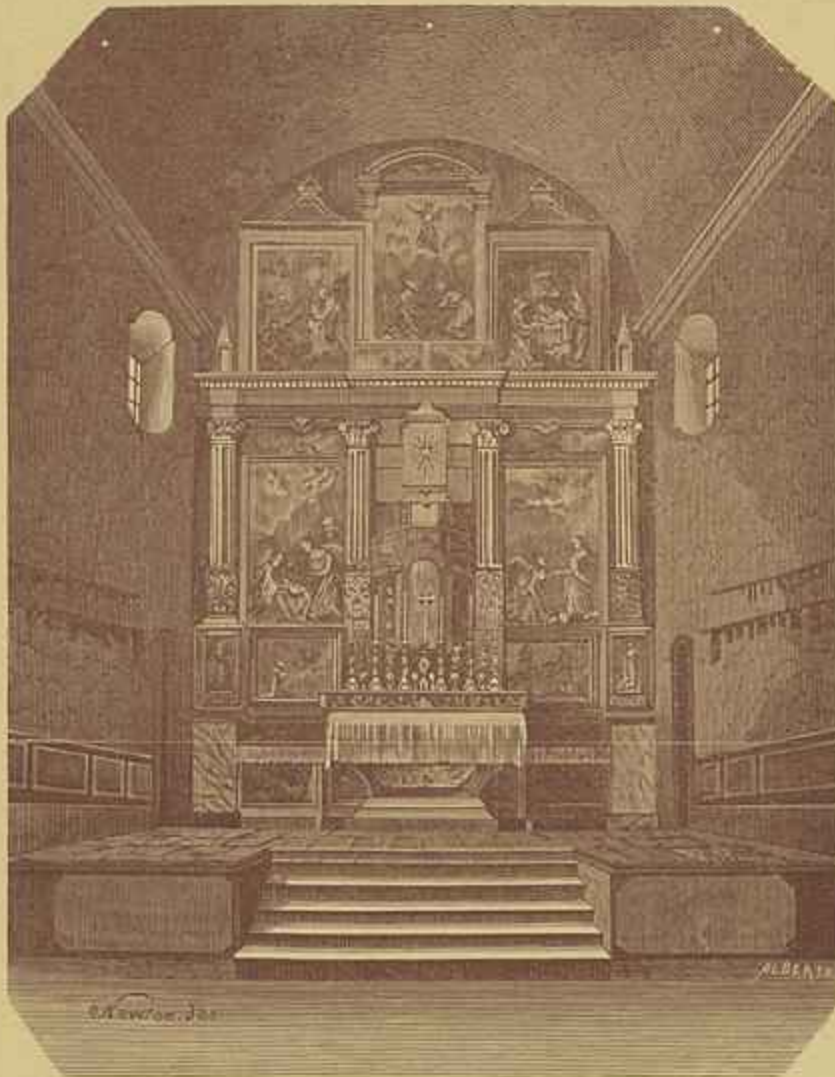
O sr. visconde da Ribeira Brava mostrou ainda mais uma vez a sua amabilidade, não só consentindo na exploração, mas prestando-nos a acompanhar-nos a sua encantadora vivenda, que muito tempo augmentado e aformoseado.

No dia 11 de julho de 1884, pelas onze horas da manhã, na capella môr da igreja de Nossa Senhora das Reliquias, fizemos levantar as pedras que cobriam o carneiro do lado do evangelho, e verificámos, entre fragmentos de um caixão forrado de velludo preto, com galão e pregaria amarella, a

¹ A cleresia, tanto do bispado de Beja como do patriarcado, prestou-se generosamente a abrilhantar esta festa nacional; os primeiros a convite do governador do bispado, o sr. dr. Boavida, e os segundos do sr. arcebispo de Mitylene, hoje na archidiocese de Braga. Os musicos da real camara foram, por concessão de Sua Magestade El-Rei, o exercito de terra e mar, a marinha mercante e o povo completaram a brilhante apothese de dois dos maiores genios que portugual possuiu no seculo XVI. As despesas das duas traslações, armamento dos templos e cortejo marítimo, custou ao governo menos de 500.000 réis.

² Em 1720 foi collocado sobre os tumulos d'esta capella um presepio, obra de um mau pintor, Henrique Ferreira, por ordem do abbade d'aquelle mosteiro, fr. Francisco de Borja. As figuras de tamanho natural, eram ridiculas, rodeadas de velhos pannos com ruínas pinturas, impossiveis n'um templo christão, e que de continuo attrahiam a troca do rapazão. Já por vezes se havia tentado tirar d'aquelles quadro, que tanto deponha contra a nossa civilização, mas appareciam sempre embarcos que o estorvavam. Com os amplos poderes que nos conferiram não vacillámos em mandar desmanchar aquelle theatrinho de feira, sem dar tempo a reclamação, o que mereceu a aprovação de todas as pessoas de bom senso. Aproveitamos o ensejo para fazer tirar o throno de pinho, que tapava o sumptuoso sacramento de prata lavrada, que ornava o altar môr, representando n'um baixo relevo a Epiphania, tendo na parte inferior, entre grande folhagem, as armas reaes portuguezas, e por baixo o seguinte leitreiro: O PRINCEPE D. PEDRO OVE DEOS GOARDE DEV ESTE SACRARIO A ESTE REAL MOSTEIRO DE BELEM NO ANNO DE 1.675. — Foi obra do ourives João de Sousa.

CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



VIDIGUEIRA — JAZIGO DOS GAMA

existencia dos ossos pertencentes a um só esqueleto.

Esta circumstancia correspondia a uma prova real em favor do que dizem o manuscrito de fr. Alvaro da Fonseca, e a *Chronica Carmelitana*, e, portanto, á vista d'este exame e das razões que apresentámos, julgámos poder assegurar que as cinzas de D. Vasco da Gama continuam a permanecer no carneiro da parte do evangelho, onde foram depositadas quando a igreja se concluiu em 1593.

Em 1646 ainda as duas sepulturas não tinham epitaphios, e o caracter da letra dos que hoje existem parece do fim do seculo xvii ou começo do xviii. Seria então feita a troca das inscripções? Julgámos mais provavel que ella tivesse logar quando, depois da profanação, o governador civil de Beja mandou, em 1845, repor as campas nos jazigos; e o engano era facil, pois as pedras onde se abriram as legendas são de iguaes dimensões.

Esta rectificação é sempre justificada, haja os inconvenientes que houver: o que se não deve nunca desculpar é a teima ardilosa, que desconceitua o escriptor e enreda a historia.

O governo tem os meios de facilmente remediar este engano.

O manuscrito de fr. Alvaro da Fonseca julgámos um dever de gratidão offerecel-o ao sr. visconde da Ribeira Brava, actual proprietario do convento e igreja dos carmelitas da Vidigueira.

Nas festas que estão projectadas para o quarto centenario da descoberta da India, seria occasião apropriada para se trazerem da igreja de Nossa Senhora das Reliquias da Vidigueira os restos mortaes do grande D. Vasco da Gama, e encerral-os no sarcophago de marmore, que para esse fim, legou Simão José da Luz Soriano. Collocando-se na urna existente nos Jeronymos, que indevidamente tem o seu nome, pela troca das campas em 1845, o de D. Francisco da Gama, quarto conde da Vidigueira, duas vezes vice-rei da India e seu almirante, etc.

Teixeira de Aragão.

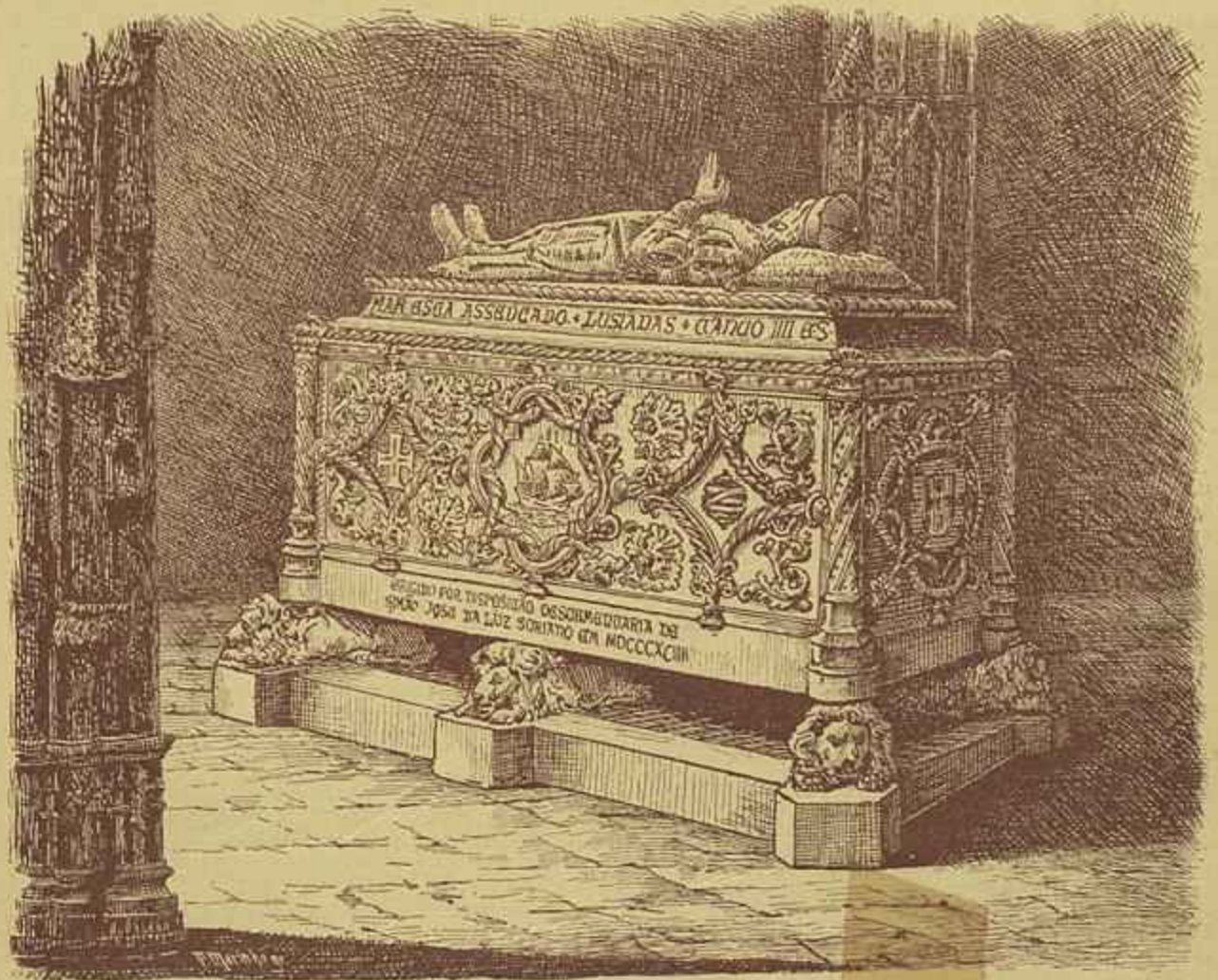
O TUMULO DE VASCO DA GAMA

Em outro lugar do nosso periodico, se referem os motivos que determinaram a trasladação dos ossos de Vasco da Gama da igreja da Vidigueira para o mosteiro dos Jeronymos, em Belem; cerimonia que se deverá ter realisado á hora em que estas linhas estão no prelo, afim d'essas reliquias serem recolhidas n'um dos tumulos que a piedade d'um homem illustrado destinou para guardal-as.

Foi por se haver reconhecido que nenhuma das quatro ossadas trasladas para aquelle mosteiro, em 1880, era a do grande navegador, facto este verificado graças á cuidadosa analyse de um precioso documento, estudado pelo nosso amigo e illustre collaborador sr. Teixeira de Aragão, que se decidiu realizar tão importante cerimonia.

No momento em que estevemos, acham-se a caminho da Vidigueira, para acompanharem a Lisboa os ossos de Vasco da Gama, alguns dos nossos mais notaveis homens de letras e de sciencia e varios jornalistas, a afim de os depositarem no tumulo respectivo, onde ficarão ao lado das cinzas de Camões, tambem guardadas n'um sarcophago similhante.

Estes dois tumulos são em lioz calcareo, e acham-se collocados desde 1894, na igreja de Santa Maria de Belem, um ao lado do outro, na capella que fica á direita do cruzeiro, e que tem a invocação de N.º Sr.ª do Restello, e foram mandados erigir, como se sabe, por disposição testamentaria do



TUMULO DE D. VASCO DA GAMA, NO MOSTEIRO DOS JERONYMOS

notavel historiador Luz Soriano, sendo construidos nas officinas dos srs. José Correia & Irmão, estabelecidos na Rua do Corpo Santo n.º 20, 22, e o seu primitivo risco foi delineado pelo fallecido architecto Raphael da Silva Castro, subordinando-se, entretanto a sua execução ao projecto elaborado pelo distincto escultor sr. Antonio Augusto da Costa Motta, auctor laureado, que alcançou o primeiro premio no projecto para o monumento a Affonso de Albuquerque, tambem mandado erigir em virtude de legado de Luz Soriano.

Em breve, pois, devem repousar perto das cinzas do grande epico as do grande navegador, e ambos esses sagrados restos sob as abobadas dos Jeronymos, e assim se terá sagrado aquelle pantheon nacional e rectificado um erro antigo.

EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA PERIODICA



ABE a gloria d'este curioso certamen a commissão promotora, nomeada pela Associação da Imprensa e composta dos srs. Alberto Bessa, redactor do *Seculo*, Andrade Neves, da *Folha do Povo*, Heliodoro Salgado, da *Vanguarda*, Sebastião da Silva Leal e o auctor d'estas linhas.

Effectuar-se-ha pelas festas commemorativas do centenario da India nas salas do Atheneu Commercial de Lisboa, nos dias 13 a 22 de maio, sendo destinado o dia 14 para a imprensa e celebrando-se á noite a sessão solemne inaugural.

Espera-se que esta exposição seja muito concorrida e apreciada, não só pela sua completa novidade, visto ser a primeira n'este genero que se realisa em Portugal mas ainda pelo variadissimo numero de especimens que ha de conter, autographos de escriptores notaveis, retratos em photographia e em gravura de grande parte dos nossos mais conhecidos jornalistas vivos, ou já fallecidos, periodicos raros, hoje já inteiramente desconhecidos, etc. etc.

Bem avisadamente andou a benemerita Associação do Atheneu Commercial em ceder as suas salas para este certamen que além das muitas vantagens que traz como elemento de pratica instrucção popular, accresce a circumstancia de tornar melhor conhecidas aos olhos do estrangeiro as phases porque tem passado em diversas epochas o jornalismo portuguez, e o seu movimento progressivo desde 1821, em que o povo succidiu as peias do absolutismo até aos nossos dias, mostrando alem d'isso o grande voo que adquiriu o jornalismo portuguez desde 1861, epocha do advento do sr. D. Luiz I ao throno da monarchia portugueza.

Hão de figurar n'essa curiosissima exposição quasi todos os periodicos publicados no reino, desde as famosas gazetas, chamadas da Restauração, e os não menos celebres *Mercurios* de D. Antonio de Sousa de Macedo, até aos jornaes dos tempos modernos e por modernos processos.

Hão de apparecer n'essa curiosissima exposição o *Expresso na Corte* do padre D. José Barbosa, o *Hebdomadario Lisbonense* do impressor Pedro Ferreira e o *Correio Mercantil e Economico de Portugal* de Antonio Manuel Polycarpo da Silva, que foram as primeiras publicações noticiosas que se fizeram em Lisboa, sahindo durante os annos decorridos de 1740 até ao começo do seculo actual. Apparecerá o *Zodiaco Lusitanico* o primeiro periodico de medicina que se publicou em Portugal (1749) e que foi redigido pela *Academia dos Escondidos* da cidade do Porto, especie de academia de sciencias medicas que ali se fundou sob a protecção do principe D. José, arcebispo de Braga.

Tambem figurará a *Gazeta Literaria*, redigida pelo padre Francisco Bernardo Lima, que primeiramente sahiu no Porto vindo a acabar em Lisboa (1761-1762) e que foi o inicio dos jornaes de indole litteraria no nosso paiz.

N'aquelle importante certamen os estrangeiros terão occasião de examinar o que elles lá não tem tido no seu jornalismo: os *jornaes bijous politicos*, proprios para passarem clandestinamente mettidos em sobrescriptos como se fossem cartas. Nesses figuram o *Palinuro* de José Ferreira Borges (1830) e o *Pellourinho* de José Pinto Rebello de Carvalho (1831-1832) publicados em Londres

pela emigração liberal, bem como os do emigrado miguelista Antonio Ribeiro Saraiva, tambem em Londres: o *Contrabandista* (1835-1840) e a *Peninsula* (1840).

O tamanho d'estes jornaes não passava de um decimetro de alto por 0,6 de largura.

Entre a preciosa collecção do expositor sr. Sebastião da Silva Leal figura a *Peninsula Federal e Democratica*, a *Republica* e o *Republicano* os primeiros jornaes que advogaram abertamente as ideias republicanas em Portugal pela calamitosa epocha da revolução do Minho; o *Espectro* de Antonio Rodrigues Sampaio, que só elle symbolisa essa sangrenta revolução popular que estalou pelo despotico governo dos Cabraes.

Mais modernamente ostentam-se-hão as collecções do *Diario de Noticias* e do *Seculo* as empresas mais felizes e tambem as mais arrojadas que se tem creado no paiz e as que mais se tem vulgarizado pela sua extrema barateza e facilidade da sua leitura nas classes populares.

Estes jornaes causam, pela sua larga tiragem e modicidade de preço, o assombro ao estrangeiro que exclama attonito:

— Como é possível que uma folha d'estas, de taes dimensões e tanta leitura possa existir n'um paiz onde oitenta por cento dos seus habitantes são analfabetos!?

E estas exclamações tem sua razão de ser, porque se estribam nas nossas estatisticas officiaes, que aos olhos do mundo civilisado accusam em 5.049.729 de habitantes a insignificante bagatella de 4.000.927 que não sabem ler!

Imagine-se se a população portugueza fosse como a da Hollanda, da Suecia, e mesmo da Suissa, onde não ha ninguem analfabeto, como estariam as empresas do *Diario de Noticias* e *Seculo*: — archi-millionarias!

São pois jornaes dignos de serem admirados; principalmente o *Seculo* se bem que ao *Diario de Noticias* caiba o arrojado do empreendimento.

Os estrangeiros terão occasião de admirar na curiosa exposição do Atheneu Commercial jornaes illustrados portuguezes que não ficam á quem das mais bellas publicações dos seus paizes, taes como a *Revista Illustrada*, tres magnificos volumes enriquecidos de esplendidas estampas que rivalisam com o que ha de melhor no genero em Paris, Londres e na Allemanha; os *Dois Mundos* e a *Illustração* publicados em Paris por empresas nacionaes e dirigidos o primeiro por Salomão Saragga e o segundo por Mariano Pina; o *Occidente*, a illustração mais antiga, que sae sob a habil direcção artistica e litteraria do esclarecido e distinctissimo gravador Caetano Alberto da Silva.

Alem de tudo isto, que já não é pouco, os visitantes estranhos ao nosso paiz, hão de ficar surprehendidos ao examinarem o magnifico jornal de caricaturas intitulado *O Antonio Maria*, que melhor não se faz nos paizes estrangeiros, jornal que daria a immortalidade ao lapis cheio de magia e d'encantos de Raphael Bordallo Pinheiro se este artista não fosse já reputado como um dos nossos primeiras glorias artistas na industria ceramica das Caldas hoje conhecida em todo o mundo e apreciada pelos seus valiosos productos.

O *Antonio Maria* rivalisa com o *Punch* de John Teniel, com a *Vie Parisienne* de Marcelin, com o *Gil Blas* onde desenha Ortego, com a *Caricature*, o *Charivari*, e outros jornaes seus congeneres, hoje em grande voga.

Ao lado do *Antonio Maria* e dos *Pontos nos ii* hão de apparecer os seus humildes antecessores como o *Jornal para rir* onde desenhou Nogueira da Silva, a quem podemos chamar o *pae da caricatura em Portugal*; o raro *Supplemento Burlesco* escripto contra os Cabraes por Bernardino da Silva, o *Cabron*, o *Asmodeu*, o *Duende*, onde Manuel Rodrigues mostrou quanto valia, as *Novidades*, desenhadas por Manuel de Macedo, etc., etc.

Não esquecerão os modernos jornaes de Julião Machado, de Columbano Bordallo Pinheiro, Celso Herminio, de Sebastião Sanhudo, Eça Leal, Joaquim Costa e outros que desenharam no *Pae Paulino*, na *Chacota*, na *Comedia Portugueza*, no *Microbio*, no *Berro*.

N'este genero temos nós do bom e de sobejo, e que fazem lembrar as obras primas de Cham, Gavarni, Gill, Gravin e outros desenhistas famosos.

Quanto ás revistas satyricas aristophanicas, apresentar-se-hão as *Farpas* de Ramalho Ortigão, que no espirito, na finissima *verve* e no bom senso com que estão escriptas igualam as famosas *Guepes* que tão justa celebridade alcançaram a Alphonse Karr e fizeram verdadeiro successo em Paris. Ao lado das *Farpas* hão de exhibir-se os livrinhos, primor de alegria satyrica e fina ironia. — *Os Gatos* — devidos a scintillante e despretren-

çiosa penna de Fialho d'Almeida, as *Ortigas* de Urbano Loureiro, que fustigaram muito menino bonito cheio de vaidade e de basofia.

E que mais direi?

Quem ver os srs. visitantes jornaes de formato colossal que fazem lembrar o *Times* e alguns d'esses lençoes de onze varas que se publicam nas republicas da America?

Pois lá terão a *Patria* do celebre Figueiredo Guimarães tão conhecido pela alcunha de *Pomada Florestal*, o *Diario Mercantil* de Fradesso da Silveira, o antigo *Jornal do Commercio*, a *Correspondencia de Portugal* de Philippe de Carvalho, o *Commercio de Portugal*, do sr. visconde de Melicio, o *Commercio do Porto* e o velho *Nacional* de Vicente Gonçalves, barão de Rio Tinto, que tantos progressos trouxe á arte typographica no Porto, e emfim ainda alguns outros de enorme formato dos quaes seria já longa a ennumeración.

Concluimos augurando que a exposição da imprensa periodica de Portugal vae constituir um dos maiores successos das festas centenniaes da descoberta da India e patentear aos olhos maravilhados dos seus visitantes que o nosso paiz, embora pequeno, e falto da seiva d'uma solida instrucção popular, sempre tem acompanhado o gigantesco movimento jornalístico da Europa, desde o seu estado embryonario até ás mais recentes innovações introduzidas na arte typographica, e os modernos processos da gravura, que prendem a vista e fascinam a imaginação pelas suas bellezas e primores.

Silva Pereira.

AVISO

O presente numero é de 16 paginas e vende-se avulso por 200 réis.

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Traducção de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a cores

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á *Empreza do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

A PECCADORA

Por E. P. ESCRICH

VERSÃO DE ESTEVES PEREIRA

Um lindo romance de costumes, cujo nome do auctor, Escrich, é garantia do interesse e dramático da acção d'este romance

6 volumes illustrados com gravuras 35000 réis

Pedidos á *Empreza do Occidente*

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboração litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na *EMPREZA DO «OCCIDENTE»* — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte. Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á *Empreza do «OCCIDENTE»*

Largo do Poço Novo — Lisboa

FABRICA INDUSTRIA NACIONAL DA PAMPULHA
De **EDUARDO COSTA**

BOLACHAS E BISCOITOS

Foi esta a **primeira** fabrica que no seu genero se montou em Portugal e é a mais importante tambem n'este ramo. Elevam-se a 300 as qualidades do seu fabrico e constantemente está apresentando novidades. Para honrar o **Centenario da India** esta fabrica apresenta 5 novas marcas.

DEPOSITO GERAL EM LISBOA NO PORTO
R. dos Retrozeiros, 32 e 34 | 243, Rua do Almada, 247

Chama-se a attenção dos ars. forasteiros e do publico em geral para a importante installação que esta fabrica tem na Feira Franca.

PERFEIÇÃO
E
NITIDEZ



MODICIDADE
DE
PREÇOS

PHOTOGRAPHIA PORTUGUEZA

Este estabelecimento habilitado com os mais modernos aperfeiçoamentos photographicos, está nas condições de satisfazer completamente as pessoas que o procurarem para tirar o retrato. Faz ampliações photographicas a tamanho natural. Retratos a oleo. Grupos de familias, de associações, de collegios, etc. Encarrega-se de tirar photographias fóra do atelier e de Lisboa. Tem pessoal habilitadissimo para todos os trabalhos photographicos.

121, Rua do Poço dos Negros, 123, Lisboa
SUCURSAL NA ERICEIRA, CALÇADA DA BALNEA, 24 A



Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista de Suas Magestades e Altezas e do Hospital de S. José e annexos

HABILITADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA

Socio activo da escola dentaria livre de Paris, membro titular da Sociedade Scientifica Europea. — Premiado na Exposição Industrial de Lisboa de 1888.

TRATAMENTOS ESPECIAES EM TODAS AS MOLESTIAS DE BOCCA

100, RUA DO ARSENAL, 100 — LISBOA

ARMAZEM DE PIANOS E HARMONIUMS

DE
Guilherme Steglich



Bom sortimento de pianos e harmoniums das principaes fabricas. Especialidade de pianos que se distinguem pelo som e muita solidéz, garantidos por dez annos.

Vendem-se PIANOS A PRESTAÇÕES MENSUAES

Alugam-se pianos, harpas e harmoniums

OFFICINA PARA CONCERTAR PIANOS; HARMONIUMS E HARPAS

LISBOA — 116, Rua Garrett, 118 — LISBOA

CASA FUNDADA EM 1867

Medalha d'ouro nas Exposições Industrial de Lisboa de 1893 e Porto de 1897

Officinas de encadernação, movidas a vapor de

ALFREDO DAVID

Successor de A. BOURET

34, Rua Serpu Pinto, 36
S. Rua Anchieta, 2

NUMERO TELEPHONICO 412

Conservaria Italiana

CASA FUNDADA EM 1846

POR

MATHIAS GONSALO FERRARI

Premiado com a medalha de 1.ª classe na Exposição Industrial do Porto em 1865

Successor: — **JOÃO LUIZ PEREIRA**

N'este estabelecimento tomam-se encomendas pertencentes á arte de cozinha e copa, satisfazendo-se com esmero. Fornecem-se jantares, lunches, balles soirées, em menor ou maior escala, prestando-se todos os objectos necessarios. Especialidade em doces d'ovos neve, etc. Vinhos nacionaes e estrangeiros, Cognacs, Licores de todas as qualidades, etc.

91, Rua Nova do Almada, 93 — LISBOA

INSTITUTO MECHANOTHERAPICO

DE
ALFREDO DIAS
Mechanotherapeuta dos hospitais de S. José e annexos

222, Rua dos Douradores, 1.º — Esquina da Rua da Bitesga
LISBOA

Aplicações da maçagem e gymnastica medica

Abertura ás 9 horas da manhã — Encerramento ás 6 horas da tarde

N'este instituto ha os appparelhos succos do dr. Zander e de trepidação indispensaveis para as varias applicações. — As sessões de maçagem e gymnastica são pagas no acto.



EMPRESA FABRIL

AUGUSTO PRESTES & C.ª
FABRICANTES E IMPORTADORES. EMPREZEIROS DE CASALHACIÕES

FABRICO ESPECIAL DE TUBO DE CHUMBO

Montagem e reparação em motores a gaz. Artigos de cautchouc

Officinas mechanicas de Torneiro, Serralheria, Latoaria, Marceneria

Fundição, Bronzador e Nickelagem

Tubo de ferro laminado e accessorios

Completo e escolhido sortimento de candieiros de luxo para gaz e petroleo

Fogões de sala e de cozinha.

Autoclysmos, esquentadores para banho, tinas de ferro esmaltado, appparelhos «Unitas», etc., etc.

ESCRITÓRIO E ARMAZEM OFFICINAS MECHANICAS
Rua da Boa Vi ta, 38 a 44 | R do Instituto Industrial, 23 a 39

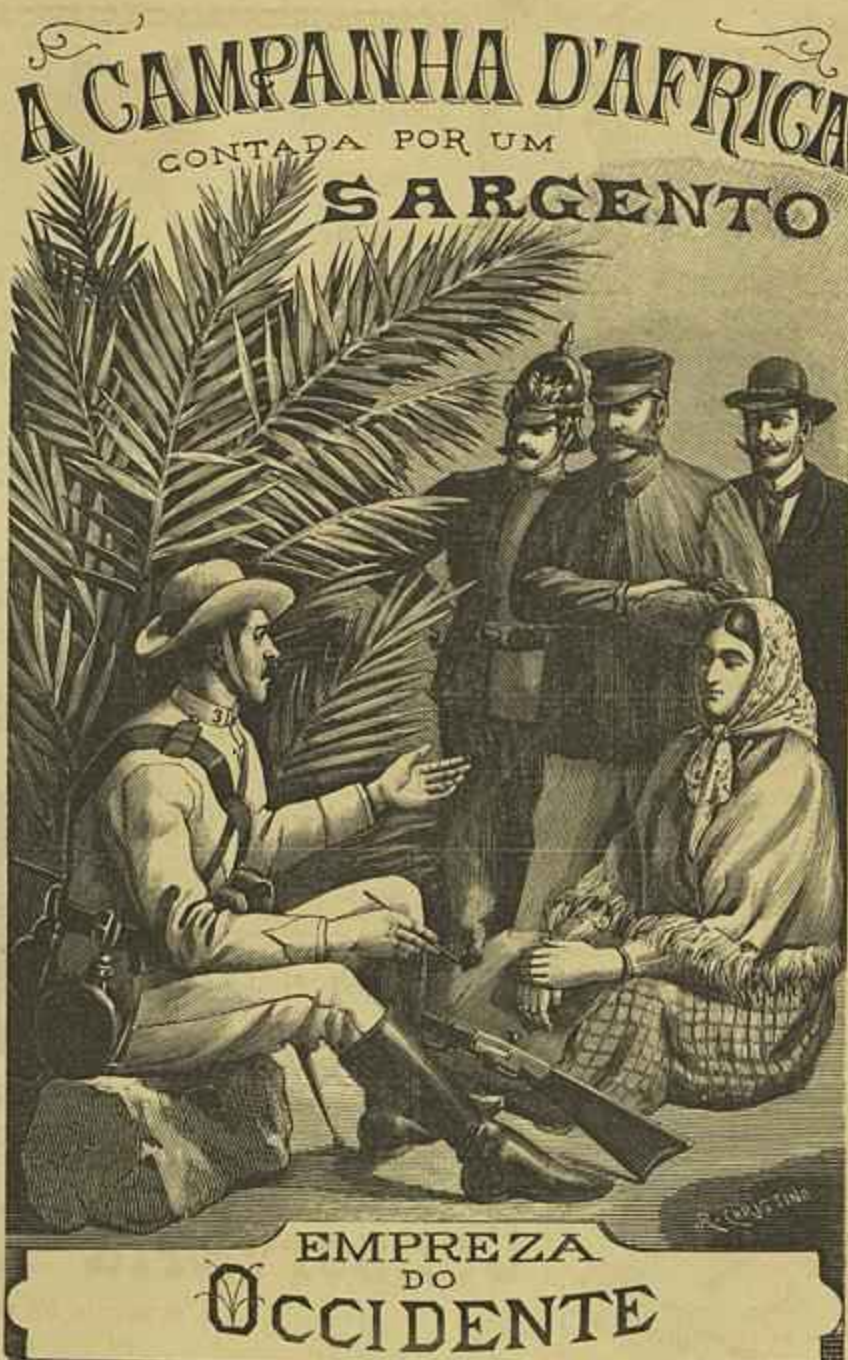
ENDEREÇO TELEGRAPHICO — NICHEL — LISBOA — TELEPHONE 498

EDIÇÃO POPULAR, PREÇO 300 RÉIS, PELO CORREIO 320 RÉIS

Volume encadernado com uma linda capa em percalina 500 réis, pelo correio 520 réis

40 GRAVURAS

Retratos dos heroes da campanha — Vistas de terras d' Africa — Combates, etc.



Largo do Poço Novo — LISBOA

A obra é dividida em seis partes: Antes da partida — A viagem — Em marcha — As operações
O regresso — Epilogo

JOAQUIM MOUSINHO D'ALBUQUERQUE

Retrato em busto grande com fundo a côr, impresso a tinta photographica, proprio para quadro, preço 200 réis

A venda na *Empresa do Occidente*, Largo do Poço Novo, LISBOA. — No RIO DE JANEIRO, agente da *Empresa* Sr. Manuel Joaquim da Silva, Travessa do Ouvidor, 34. — PERNAMBUCO, agente da *Empresa* Sr. Leopoldo A. da Silveira, Rua do Duque de Caxias, 34.

LIVROS PARA RIR

VIAGEM Á RODA DA PARVONIA

Pelo commendador GIL VAZ

1 volume illustrado 500 réis

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

1 VOL. ILLUSTRADO, EDIÇÃO DE LUXO 600 RÉIS

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT, Traducção de PIN-SEL

1 vol. illustrado com uma linda capa a cores, preço 200 réis, pelo correio 220

A VENDA NA EMPRESA DO OCCIDENTE — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

NOVA SCIENCIA DE CURAR

PELO METHODO

KUHNE

Sem medicamentos nem operações

Causa e unidade das doenças

RESUMO PRATICO

ILLUSTRADO COM O RETRATO DE LUIZ KUHNE E FIGURAS DEMONSTRATIVAS DOS AGENTES CURATIVOS

RECEITAS DA COSINHA VEGETARIANA

PREÇO 100 RÉIS

A venda na **EMPRESA DO OCCIDENTE**, largo do Poço Novo — **Lisboa**.
 Em todas as livrarias e no **Rio de Janeiro** em casa do sr. Manuel Joaquim da Silva, **Travessa do Ouvidor, 34, 1.º**
 Em **Pernambuco** na Livraria Leopoldo A. da Silveira, **Rua do Duque de Caxias, 34.**

AVENTURAS DE UMA NOVIÇA

Versão de ESTEVES PEREIRA

Poñance de cavallaria, de capa e espada, recheado de aventuras
 as mais extraordinarias.



D. CATALINA DE ERAUSO

1 vol. illustrado com uma capa a cores 200 réis
 Pelo correio 220 réis

A venda na *Empresa do Occidente*, Largo do Poço Novo, Lisboa, em todas as livrarias e no Brazil em casa dos agentes d'esta empresa sr. MANUEL JOAQUIM DA SILVA, Travessa do Ouvidor, 34, Rio de Janeiro — LEOPOLDO A. DA SILVEIRA, rua do Duque de Caxias, 34, Pernambuco.

JULIO AUGUSTO RIBEIRO ENCADERNADOR

Fazem-se encadernações para todos os preços, conforme o freguez escolher. Concertam-se albums para retratos e livros de missa. Riscados para livros de commercio. Venda de livros em branco e de estudo.

N. B. — Não se responsabiliza pelas obras mais de 8 mezes

Rua dos Retrozeiros, 138 — LISBOA

O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro

Director-proprietario

CAETANO ALBERTO

Presentada nas
 Exposições do Porto de 1877
 Paris de 1878
 Lisboa de 1888 e Antuerpia de 1894



A PRIMEIRA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA
 Collaborada pelos principaes escriptores e artistas portuguezes

PUBLICA-SE TRES VEZES POR MEZ

Assignatura permanente

PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

PORTUGAL		AFRICA	
Anno.....	3\$800	Anno.....	4\$000
Semestre.....	1\$900	Semestre.....	2\$000
Trimestre.....	\$950		

INDIA — BRAZIL E MAIS PAIZES
ESTRANGEIROS

Anno.....	5\$000
Semestre.....	2\$500

FRANCO DE PORTE

Assignatura em Lisboa á entrega: cada numero 120 réis